

# OLHARES CONTEMPORÂNEOS

Pessoas e lugares da história paulista

Fernando Santos da Silva  
Nelson Albuquerque Junior  
Organizadores



parana



## ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA MARTHA FIGUEIRA NETTO DA SILVA

Diretora

**Joselene Santos da Luz**

Vice-Diretoras

**Elaine Sanches de Souza**

**Melissa Skau Rangel**

Coordenadores de Gestão Pedagógica

**Tiago de Paula Fontes** – Ensino Fundamental Anos Finais

**Deborah Gada Quinteiro** – Ensino Médio

Professoras orientadoras

**Claudia de Pasquali**

**Vania Benedita Machado Alberine**



## COLÉGIO MILITAR DE SÃO PAULO

Comandante do Colégio/Ensino

**Cel Marcelo Florentino Borlina**

Diretor pedagógico

**Cel Vitor Espindola Triani**

Supervisor pedagógico

**Ten Cel Eduardo Rossi Luchetti**

Professor orientador

**1º Ten Guilherme Sardas**



## COLÉGIO LUTERANO SÃO PAULO

Diretor

**Enio Starosky**

Coordenadora

**Simone Marquart Terranova**

Professores orientadores

**Adriana Borges Augusto**

**Ana Paula Soares Neri**

**Fernando Santos da Silva**

**Vitor de Oliveira Soares**

Fernando Santos da Silva  
Nelson Albuquerque Junior

Organizadores

# OLHARES CONTEMPORÂNEOS

Pessoas e lugares da história paulista

paruna

São Paulo, SP  
2026

© Fernando Santos da Silva, Nelson Albuquerque Junior, 2026.

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A Paruna segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

---

Catálogo na fonte – Câmara Brasileira do Livro – CBL

---

S586 Silva, Fernando Santos da.  
Olhares contemporâneos: pessoas e lugares da história paulista  
/ Fernando Santos da Silva, Nelson Albuquerque Junior, Orgs. -- São Paulo:  
Paruna, 2026.  
108 f. ilu. PDF  
ISBN: 978-65-85106-76-4

1. Educação. 2. Sociedade. 3. História. 4. São Paulo. I. Título.

CDD: 370.193

---

Coordenação Editorial:

**Fernando Santos da Silva**

Revisão e Normalização Textual:

**Nelson Albuquerque Junior**

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:

**Candida Bitencourt Haesbaert**

[www.paruna.com.br/ebooks](http://www.paruna.com.br/ebooks)

Apoio:



# Assim é minha São Paulo

Quanto concreto tem esta minha pauliceia desvairada,  
Onde, um grande coração se abre para tanta gente.  
Onde, as estrelas do céu se foram com as serenatas  
E os cantos do coração, deixando esta saudade pungente.

Onde, arranha-céus tocando o nada acima das nuvens  
Emergem do solo em direção aos festins estelares.  
Bem aqui, onde, outrora, uma indizível cantiga mansa  
Temperava a bonança dos sonhos em nossos lares.

Bem aqui, onde a infante e bucólica futura metrópole  
Pulsava vívidos amores plantados sob os raios de luar;  
Onde, a relva verdejante daqueles bons e idos tempos  
Desapareceu em meio a um progresso viril e singular.

São Paulo que, de seu imaculado passado, glorioso e belo,  
Elevou-se, com garbosidade, ao feitio dos tempos atuais,  
Ornada de suaves e rebrilhantes vestimentas de amanhã,  
Bem ajustadas ao seu ideário por sublimadas credenciais.

E um indelével tangenciar entre a saudade e a esperança.  
Entre sua plástica antiga e acentuados traços futurísticos.  
Assim é minha São Paulo... que acolhe os sonhos do mundo,  
E se enobrece com sentimentos peregrinos e altruísticos.

Assim é minha São Paulo, de vocacionado destino;  
De pompa e realeza e vozes de furtivos trovadores;  
De anseios e grandezas que bailam acordes alvissareiros,  
Tal qual, um sonhado acalanto com o sorriso dos amores.

**Reinaldo Bressani**

*(In memoriam)*

# Palavras do IHGSP

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fundado em 1º de novembro de 1894, por ilustres personalidades paulistas e brasileiras, em um momento fortemente significativo de nossa história. Essas personalidades possuíam fortes vínculos com os movimentos econômicos, políticos, sociais e culturais da época, tendo residência no Estado de São Paulo e principalmente na capital paulista. O Instituto, em sua trajetória mais que centenária, desempenhou, desempenha e desempenhará, sempre, um papel fundamental quanto à produção, ao registro e à difusão do conhecimento atendendo ao seu foco de intervenção e âmbito de sua atuação. Assim, *Olhares Contemporâneos – Pessoas e Lugares da História Paulista* se encaixa, muito bem, em nossos tradicionais e históricos esforços desenvolvidos para ampliação da cultura geral de nossa sociedade.

A coletânea que vem a lume se constitui em uma das vertentes de ação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, tendo em vista abranger aspectos importantes da História Paulista, cujo conteúdo produzido está sob a condução de jovens estudantes da Educação Básica – Ensino Fundamental II e Ensino Médio –, provenientes do sistema público e do sistema privado vinculados ao Estado de São Paulo. Esse nível de abrangência, em um primeiro momento, nos dá a impressão de que nos depararemos com algo frágil, proveniente da inexperiência acadêmica, mas o resultado apresentado contraria essa expectativa e nos coloca diante da reflexão assertiva – “coisa de gente grande!”.

Essa obra está composta por dois eixos significativos. No primeiro, *Pessoas que transformam*, encontraremos textos envolvendo personalidades marcantes da História Paulista, mulheres e homens, entre outros, Domitila de Castro, Martha Figueira, Pérola Byington, Theodosina Rosária Ribeiro, Sonia Gusman, José de Anchieta, Nilo Peçanha e Pedro Augusto Gomes Cardim. No segundo, em *Lugares que abrigam*, será o momento das cidades, bairros e instituições em que, certamente,

transbordam muitas histórias envolvendo pessoas em locais como as cidades de Duartina e São Paulo, os paulistanos bairros da Água Funda e da Liberdade, e instituições como os Institutos Butantã e o Histórico e Geográfico de São Paulo, e ainda os museus da Imigração e do Ipiranga.

*Olhares contemporâneos: pessoas e lugares da história paulista* é uma viagem que, certamente, ampliará horizontes sobre as possibilidades de aprofundamento de conhecimentos e a abertura de novos interesses históricos relativos à nossa capital e ao Estado de São Paulo, bem como despertará aos do Brasil e ao nível internacional. Essa necessária amplitude é resultante do momento complexo da História da humanidade, por suas crises em nível político, econômico, social e cultural, com o agravamento da má utilização da tecnologia. Assim, a concretização desta obra nas fronteiras da Educação Escolar fundamenta uma sólida Cultura Geral para o exercício pleno da cidadania.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, desde a proposta e ideias iniciais, está fortemente integrado em apoiar este projeto editorial. Esse apoio institucional está embasado em importantes aspectos; por envolver objetivos temáticos deste sodalício e por estar vinculado às ações dos educandos, da escola e da família. É imprescindível ressaltar que esse importante tripé educacional, quando fortalecido por instituições da sociedade civil, sempre, poderá desenvolver ações e alcançar objetivos significativos no âmbito da Educação. Essa forma de intervenção é um importante caminho, alternativo e efetivo, para construirmos e consolidarmos a almejada excelência quanto à qualidade de nossa Educação por intermédio do processo de ensino e de aprendizagem.

Ao apoiar este projeto editorial, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, também, atende à sua missão de contribuir para que a sociedade possa ter acesso aos instrumentos necessários visando o exercício pleno da cidadania. Nesse sentido, apoiar a trajetória e a concretização do *Olhares Contemporâneos: Pessoas e Lugares da História Paulista* constitui-se em um importante e significativo momento, por envolver alguns e fundamentais segmentos do processo educativo – escola, professores, alunos, família e sociedade civil. Ressaltamos que essa mescla de esforços conforma uma necessária e significativa trajetória

para a formação no século XXI, que certamente motivará um percurso de aprendizagem ao longo de toda a vida.

É momento de apresentarmos felicitações a todos os envolvidos, iniciando pelos propositores e concretizadores do projeto pela condução dos trabalhos, passando pelas escolas e seus agentes por acolherem a ideia e, principalmente, aos autores pela forma exemplar com que atenderam aos desafios da escolha e de assumir cada um dos temas, da pesquisa e da elaboração dos textos. Além disso, afirmamos que a construção desse novo e jovem olhar sobre fatos históricos será inspirador para que outras instituições escolares e alunos experimentem o sabor deste percurso. Assim, inquestionavelmente, estamos diante de um histórico momento para todos, e que, certamente, estará, sempre, na memória daqueles que aqui deixam a sua indelével participação neste passeio cultural sobre parte da exuberante História Paulista.

Excelente viagem histórico-literária!

**Prof. Dr. João Tomás do Amaral**

Presidente do IHGSP

# Apresentação

A escola é considerada como o espaço de transmissão do conhecimento que culturalmente julgamos importante para os novos seres que diariamente vem ao mundo. Mas a escola também é um espaço com potencial de transformação, onde constituímos vínculos pessoais que podem durar por uma vida inteira.

É neste espaço que temos a chance de refletir e questionar o mundo como conhecemos, algo fundamental para que sejamos capazes de compreender a nós próprios. Além disso, o que garante a existência e a permanência ativa de determinadas histórias é a sua constante renovação ao longo do tempo. Principalmente, quando este é realizado, pesquisado e, sobretudo, escrito por novos olhares.

A partir desta perspectiva, e inspirada pela obra *Casa das Estrelas: o universo contado pelas crianças*, lançado em 1999, e na obra cinematográfica *Entre os muros da escola* (2009), a presente coletânea surge como uma reflexão que rompe com a forma tradicional de produção do conhecimento. Ela pretende fugir ao estabelecido, dando voz a reflexão de jovens que em processo de formação já trazem consigo uma concepção e compreensão muito particular do mundo.

Da dinâmica do dia a dia com suas famílias, seus amigos, com a escola e por que não com o próprio mundo, jovens estudantes de escolas particulares e públicas do Estado de São Paulo foram estimulados a redigirem textos que tratem da História de São Paulo, ou seja, do Estado, das cidades e até mesmo de personagens que foram, são e que muito provavelmente continuarão figurando no imaginário social.

Ao registrar o olhar contemporâneo sobre os lugares e pessoas que transformaram nossa história, seus textos vão além do lirismo e da ludicidade atribuídos aos jovens, com reflexões individuais produzidas sem a interferência direta de um adulto.

Afinal, a escrita é o fio que conecta o passado ao futuro, permitindo que resgatemos e, principalmente, ressignifiquemos a História e por que não dizer a identidade de São Paulo. O resultado de todo esse processo é a construção de saberes que se interligam de maneira completamente original e singular, enquanto os conceitos históricos articulam os aspectos coletivos de toda a vivência.

Dos temas à escrita, cada jovem experimentou além da atividade autoral de produção de conhecimento valendo-se de seu repertório cultural e social, uma oportunidade de ter voz, de ser reconhecem e conhecerem histórias e personalidades que construíram o que denominamos “unidade paulista”.

É uma chance de amadurecerem como indivíduos, vivenciarem a escola em sua completude, adquirindo, além de conhecimento, a capacidade de se colocar diante do mundo e romper muros. Passando, assim, de meros espectadores a cronistas de suas próprias histórias.

**Fernando Santos da Silva**  
**Nelson Albuquerque Junior**

Organizadores



# Sumário

## I. PESSOAS QUE TRANSFORMARAM [...]

**O mistério sobre Martha Figueira ..... 14**

Bianca Santos Silva

**Theodosina Rosário Ribeiro:  
resistência, educação e representatividade ..... 19**

Yasmin Carollini dos Santos Francisco

**José de Anchieta e a construção simbólica de  
São Paulo: a formação da cidade e a identidade  
do Colégio Militar de São Paulo (CMSP) ..... 23**

Aline Cristina Soares de Souza

**Nilo Peçanha: primeiro presidente negro do Brasil ..... 29**

Mariana Moura dos Reis

**O túmulo de Domitila de Castro ..... 34**

Gabriel Nassar

**Pedro Augusto Gomes Cardim:  
um nome da história, das artes e da política ..... 38**

Letícia Ribeiro Faustino

**The Jordans: a história do meu  
avô e do rock'n'roll em São Paulo ..... 44**

Vitória Zaragoza Barros

**Kobra: um mensageiro da paz ..... 50**

Isaac Victor Gomes de Moura

**Pérola Byington na defesa das mães ..... 57**

Marcela Leme Corrêa Morais Baia

**O legado de Sônia Gusman para a fisioterapia no Brasil ..... 62**

Meg Beatrice Sasaki

## II. LUGARES QUE ABRIGAM [...]

**A história de Duartina e de sua comunidade japonesa ..... 66**

Bruna Guerra

**Bairro da Liberdade: a cultura japonesa e a história do povo negro ..... 70**

Sofia Carvalho Santos Ernesto

**A conservação do bioma brasileiro guardado na Água Funda – bairro de São Paulo ..... 74**

Derlimar de Los Angeles Ramos Suarez

**São Paulo: diversidade e religiosidade ..... 76**

Jonatas Pietro Rodrigues da Silva

**Museu do Ipiranga – 130 anos ..... 80**

Isabelle Vitória da Silva

**Museu da Imigração do estado de São Paulo: histórias e sentimentos ..... 85**

Bruna Caroline Pedro da Silva

**Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: guardião da memória paulista ..... 89**

Maria Cândida Santos da Silva

**A importância do Instituto Butantan ..... 92**

Mariana Paleari Drigo

**Biblioteca Paul Harris e suas contribuições ..... 97**

Gabriele Piccinin

**A metalúrgica Aliperti – um marco na revolução siderúrgica no bairro da Água Funda ..... 103**

Lucas da Silva Gonçalves

**1924 – A revolução esquecida de São Paulo ..... 106**

Ana Vitória Barreto Mendes

**Sobre os organizadores ..... 108**

# I. PESSOAS QUE TRANSFORMARAM [...]



# O mistério sobre Martha Figueira

Bianca Santos Silva

Quando a nossa escola ia fazer 40 anos, durante a organização dos festejos, voltou à tona a pergunta que não queria calar, “Quem foi Martha Figueira?” Muitos alunos e professores já haviam tido essa curiosidade, pesquisaram, pediram informações na secretaria da educação, mas nada encontraram sobre essa pessoa.

A vida da nossa patrona era um verdadeiro mistério, até que um certo dia a professora de história, que além de dar aula em nossa escola, também lecionava para os alunos da escola Oscar Thompson, e estava fazendo uma faxina nos livros e documentos dessa escola que estavam cheios de mofo, por acaso encontrou um livro de ponto de professores, da década de 30 e lá estava a assinatura da professora Martha Figueira Netto. Nesse instante, o coração da professora Deborah quase parou, será que ali começava uma nova história da escola Martha, afinal de contas até então, ninguém sabia de nada sobre quem era a Martha Figueira.

Esse foi o pontapé inicial para que junto com o grupo de alunos do Grêmio estudantil começasse uma busca frenética em arquivos de jornais e até de cemitérios da cidade de São Paulo. A partir da visualização dos jornais *Correio Paulistano* e *Estado de São Paulo*, iniciou-se a montagem do quebra-cabeça. O primeiro documento foi um obituário, e o grupo se dirigiu para onde ela tinha sido enterrada, o Cemitério da Ordem III do Carmo, pois lá, eles tinham esperança de encontrar mais dados e até a fotografia da homenageada e uma primeira dúvida surgiu: “Será que ela era freira?”

A primeira providência foi solicitar a autorização e justificar o motivo para que os jovens estavam visitando um cemitério. Os coveiros nos acompanharam e para a nossa frustração só encontraram mato, uma

lápide abandonada e uma mísera plaquinha com um número, quase apagado. O grupo se perguntava, "Será que estamos certos? Viemos até aqui...". Essa frustração e essa angústia fizeram com que o coveiro se comovesse e nos levou até o salão de registros e para nossa surpresa, havia um registro com todos os dados que precisávamos para continuar com nosso projeto de detetive.

A certidão de óbito encontrada tinha sido registrada no cartório de registros civis do Cambuci, mas não dava muitas pistas, mas já tínhamos em mãos a data de nascimento e de morte dela. A nova fase recomeçou nos arquivos do *Jornal Correio Paulistano*, pois lá constava o registro do casamento dela com o jornalista Annibal Domingues da Silva, mas mais nada e o tempo estava ficando curto, a festa da escola estava chegando e a procura foi parar na internet, cruzando dados, informações de sobrenomes e com muita luta e talvez um pouco de sorte, um dos e-mails respondidos chegou em nossas mãos com o telefone do filho da Dona Martha Figueira, Sr. Waldyr Werrs Domingues da Silva um senhor com mais de noventa anos e muito lúcido.

Figura 1 – Equipe do Projeto Memória E.E. Martha Figueira Netto da Silva e Sr. Waldyr.



Fonte: Acervo da Escola E.E. Martha Figueira Netto da Silva.

Depois de uma longa conversa, conseguimos finalmente ligar o passado e o presente. A escola Martha Figueira Netto da Silva, está situada na Água Funda, foi inaugurada em maio de 1978 e teve sua construção iniciada e terminada na administração do governador do estado de São Paulo, Paulo Egydio Martins, pelo secretário de estado da educação, José Bonifácio Coutinho Nogueira, Presidente da Conesp, Gilberto Waack Bueno, e pelo prefeito municipal Olavo Egydio Setúbal.

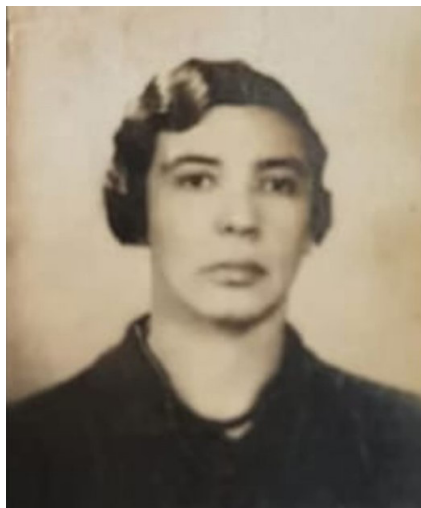
Antigamente, a escola contava apenas com as salas de aula no piso térreo e atendia apenas alunos do ensino fundamental I, antigo primário. A entrada principal da escola era a atual entrada do estacionamento e havia outra entrada, com escadarias dando acesso à rua Rosa de Moraes, essa parte do terreno atualmente é ocupada pela unidade básica de saúde. A escola contava com 5 salas de aula no piso térreo.

Segundo a ex-professora Maria Luiza Ruivo:

*"Tinha grama, árvores, bastante da mata atlântica, tinha até um pau-brasil. Tinha uma vegetação que se conservava ao natural esse pedaço da mata atlântica. Era um lugar plano, onde os professores colocavam os carros e os alunos ficavam em uma parte mais na lateral. Segundo a ex-professora Maria Luiza Ruivo, até o galpão onde ela dava aula tinha uma calçada e, entre a calçada e a parte de cima, era gramado, algumas escadas eram de tijolos, mas as laterais eram gramadas. Às vezes, quando chovia muito e a gente estava dando aula, até recebia a visita de sapos na porta da sala. Então, a gente parava a matéria que estava dando e ia aproveitar para dar uma aula de ciências ao vivo."*

Em 1996, por meio do decreto número 40.473, de 21 de novembro de 1995, o Governo do Estado de São Paulo iniciou a reorganização escolar, que consistia em separar os alunos em diferentes escolas por ciclos. A escola Martha, que atendia somente alunos do ciclo básico à 4ª série, passou a atender da 5ª à 8ª série, atual Ensino Fundamental II, e o 2º grau, atual Ensino Médio, e Educação de Jovens Adultos (EJA).

Figura 2: Martha Figueira.



Fonte: Acervo da família.

Agora que a escola foi bem descrita, chegou a hora de saber mais sobre a nossa patrona, porque, para ser homenageada dessa forma, ela teve um impacto significativo na história. Quem foi Martha Figueira Netto da Silva? Ela nasceu em São Paulo no dia 29 de julho de 1901, foi uma professora primária da rede pública estadual durante 33 anos. Iniciou seus estudos aos 7 anos no Grupo Escolar do Carmo, onde concluiu somente o primário, depois passou a estudar francês e piano e, então, voltou a estudar somente em 1915 na escola Normal do Brás, atual Escola Estadual Padre Anchieta, onde se formou como professora primária.

Em 1920, após concurso, foi nomeada professora na escola rural feminina em Perequê-Açu, em Ubatuba. Como perdeu o pai aos 5 anos de idade, levou sua mãe e irmãos menores sob sua dependência para aquele município. De 1921 a 1923, atuou na Escola Mista Distrital de Canedos, em Piracaia. Nesse período morava na capital e realizava seu trajeto diariamente de trem. No ano de 1924 atuou como professora adjunta no 1º Grupo Escolar do Cambuci, que em 1936 passou a chamar-se Oscar Thompson, onde foi achada sua ficha de ponto.

Em fevereiro de 1925, Martha foi nomeada adjunta do Grupo Escolar José Bonifácio e, em março, foi removida para o 2º Grupo Escolar do

Cambuci, onde trabalhou até o ano de 1932. Em 1929 casou-se com Annibal Domingues da Silva, que foi seu cônjuge até o ano de sua morte e com quem teve um filho.

Por decreto de 4 de fevereiro de 1932 foi removida em definitivo para o 1º Grupo Escolar do Cambuci, onde trabalhou até 1953, o ano em que se aposentou. Em 1943 durante a 2ª Guerra Mundial, Martha teve seu trabalho reconhecido formalmente pelo secretário da Educação e da Saúde Pública, Teotônio Maurício Monteiro de Barros Filho, que fez constar na sua ficha funcional: "O elogio [...] que constitui um reconhecimento público de serviços relevantes prestados desinteressadamente por autoridades do ensino e professores do primário da capital", por meio do despacho de 17 de julho de 1943, redigido no processo 38.954-43.

Martha faleceu em 30 de julho de 1970 e, após três meses, amigos e colegas de trabalho pediram ao governo a expressiva homenagem que atribuiu ao Grupo Escolar "Vila São José" o seu nome, passando a denominá-lo "Profª. Martha Figueira Netto da Silva", por meio do decreto de 29 de outubro de 1970. E, em 1978, em uma nova unidade escolar recém-construída, no bairro da Água Funda, transformou-se na Escola Estadual Professora Martha Figueira Netto.

## Referências

ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA MARTHA FIGUEIRA. *Início*. São Paulo: Secretaria da Educação, [s.d.]. Disponível em: <https://sites.google.com/prof.educacao.sp.gov.br/eemarthafigueira/in%C3%ADcio>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MARTHA Figueira Netto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, [data de publicação]. Resultados de busca no acervo histórico. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/procura/#!/martha%20figueira%20netto/Acervo/acervo>. Acesso em: 4 fev. 2026.

QUINTEIRO, Deborah Gada. *Entrevista concedida à equipe do Projeto Memória*. [S. l.: s. n.], [s.d.]. Entrevista com a coordenadora Deborah Gada Quinteiro para o Projeto Memória da E. E. Profª Martha Figueira.

SILVA, Waldyr Werris Domingues da. *Depoimento cedido à equipe do Projeto Memória da E. E. Prof.ª Martha Figueira*. [S. l.: s. n.], [s.d.]. Filho de Martha Figueira Netto da Silva.

# Theodosina Rosário Ribeiro: resistência, educação e representatividade

Yasmin Carolini dos Santos Francisco

Durante estudos para participar de ações da escola, foi feita uma pesquisa aprofundada que trouxe à tona a identidade de uma professora negra, Theodosina Rosário Ribeiro, que apesar das suas poucas oportunidades se destacou como mediadora, não só como alfabetizadora, mas também incentivadora nas questões sociais, raciais e políticas.

Apesar de seu pai ter escolhido Theodosina por achar que Teodora era um nome forte para uma criança, ele mal sabia a pessoa forte que ela se tornaria. Essa jovem nasceu em uma época que as mulheres quase não tinham direitos, mas isso não a fez desistir. Sua luta pela igualdade racial, pela valorização da educação, na qual trabalhou como professora em várias disciplinas, e pela participação na política foi fundamental em um tempo tão obscuro para as pessoas negras e para as mulheres.

Theodosina construiu uma carreira que ultrapassou os limites da sala de aula para se transformar em símbolo de representatividade e resistência, o que pode ser justificado pelo envolvimento do seu pai que era militar e educador. Além disso, ela contou com o forte apoio do seu marido quando resolveu se candidatar, em 1968, para um cargo político, numa época em que mulheres não eram bem-vindas em um universo considerado masculino.

A trajetória dela na educação começou muito antes da sua evolução política, com uma formação construída com esforço, determinação e consciência social. Encontrou na escola um espaço de resistência e oportunidade. Seus anos de estudo foram cheios de desafios, mas também

por um grande interesse pelo conhecimento, que a levou a seguir esse caminho como forma de transformação social.

Ao entrar na Escola Normal, a mesma demonstrou grande dedicação e compromisso com a educação pública. Sua passagem por essa formação foi marcada pela capacidade e por uma sensibilidade diante das desigualdades vividas por estudantes negros e de baixa renda. O ambiente escolar não era apenas um espaço de aprendizagem, mas sim um lugar no qual ela desenvolvia uma visão crítica sobre direitos e justiça, elementos que transformaram sua futura atuação profissional.

Após terminar a sua formação inicial, decidiu aprofundar seus estudos e entrou no curso de Letras da Universidade de Mogi das Cruzes. A escolha pelo ensino superior reforçou sua ideia de que a educação deveria ser inclusiva e comprometida. Durante esse período, ela participou de atividades pedagógicas e projetos educativos que envolviam o apoio escolar e a formação básica de crianças e jovens, aumentando sua experiência e compreendendo, de forma ainda mais profunda, as desigualdades que criaram a educação brasileira.

Com sua formação concluída, Theodosina começou seu trabalho como professora em comunidades carentes. Ela atuou em regiões periféricas, oferecendo aulas em lugares marcados pela pobreza, falta de recursos e exclusão social. Foi nesse cenário que a sua sensibilidade política se fortaleceu, depois de perceber que a educação não podia ser tirada das condições de vida de seus alunos. Esse contato direto com as realidades mais vulneráveis de São Paulo a preparou para a atuação política que a tornaria uma das figuras mais importantes da representatividade negra no Brasil.

Em 1970, foi eleita vereadora da Câmara Municipal de São Paulo, tornando-se então a primeira mulher negra eleita para esse cargo na cidade. Quatro anos depois, teve outra conquista: foi eleita deputada estadual para a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Atuou ativamente na defesa dos direitos da população negra, da educação, da saúde, da infância e das mulheres. Assim, seu legado é duradouro e ecoa até hoje.

Em 2015, a Assembleia Legislativa de São Paulo outorgou a Medalha Theodosina Ribeiro, que tem por objetivo homenagear as mulheres ou entidades que se destaquem na luta contra a discriminação racial e na defesa dos direitos das mulheres. Ao todo, a condecoração foi feita a 17 mulheres, que receberam as medalhas Theodosina Ribeiro.

Além disso, ela continuou atuando ativamente em palestras que defendiam a participação negra e feminina na política. Em entrevistas, ela destacou a importância do papel dos professores como agentes políticos, pois eles têm uma noção profunda da realidade do país.

Ela faleceu em abril de 2020, aos 89 anos, deixando um legado grandioso de luta, superação e autonomia.

Sua história é inspiradora por vários motivos e são considerados pilares poderosos para a independência social: representatividade negra, educação como base de mudança e o fortalecimento feminino.

Além da sua relevância educacional e política, sua trajetória também nos revela a importância da narrativa do passado como instrumento de construção social. A preservação de sua história reforça a necessidade de todos reconhecermos e valorizarmos figuras negras que contribuíram para o desenvolvimento cultural e educacional do país, mas que por muito tempo foram invisibilizadas.

Por fim, sua vida evidencia que o impacto de uma liderança se mede não apenas por suas ações individuais, mas também pela inspiração que ela deixa como legado. Theodosina Rosário permanece como um símbolo vivo de que o protagonismo negro e feminino traz novas possibilidades para o futuro do Brasil.

## Referências

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Nota de falecimento**: Theodosina Ribeiro. São Paulo: ALESP, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=408014>. Acesso em: 16 nov. 2025.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Theodosina Ribeiro**. São Paulo: Portal da Câmara Municipal de São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/especial/theodosina-ribeiro-2/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO THEODOSINA RIBEIRO. **Página inicial**. [S. l.]: IDTR, [s.d.]. Disponível em: <https://idtr.odoo.com/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

MORRE aos 89 anos Theodosina Ribeiro, primeira vereadora negra eleita na Câmara de SP. **G1 SP**, São Paulo, 23 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/23/morre-aos-89-anos-theodosina-ribeiro-primeira-vereadora-negra-eleita-na-camara-de-sp.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2025.

SOUZA, Sílvia. Morre aos 94 anos Theodosina Rosario Ribeiro, primeira negra a ser vereadora na cidade de São Paulo. **Mundo Negro**, [S. l.], 23 abr. 2020. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/morre-aos-94-anos-theodosina-rosario-ribeiro-primeira-negra-a-ser-vereadora-na-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

THEODOSINA Ribeiro. In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Theodosina\\_Ribeiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Theodosina_Ribeiro). Acesso em: 4 dez. 2025.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE SÃO PAULO. **Primeira vereadora e deputada negra de São Paulo, Theodosina Ribeiro inspirou representatividade racial na política**. São Paulo: TRE-SP, 20 nov. 2024. Disponível em: <https://www.tre-sp.jus.br/comunicacao/noticias/2025/Novembro/primeira-vereadora-e-deputada-negra-de-sao-paulo-theodosina-ribeiro-inspirou-representatividade-racial-na-politica>. Acesso em: 28 nov. 2025.

# José de Anchieta e a construção simbólica de São Paulo: a formação da cidade e a identidade do Colégio Militar de São Paulo (CMSP)

Aline Cristina Soares de Souza

José de Anchieta (1534-1597), missionário, linguista, educador e agente político, foi figura de enorme valor para a formação cívico-religiosa do Brasil. Sua atuação foi essencial para o surgimento das primeiras estruturas sociais, culturais e políticas da colônia, formando um verdadeiro projeto pré-nacional de unificação do território a partir de partes dispersas.

O objetivo deste artigo é analisar as ligações históricas e simbólicas que conectam o padre José de Anchieta à cidade e ao estado de São Paulo. A partir dessa análise, será salientada a legitimidade de sua escolha como 'padroeiro'<sup>1</sup> do Colégio Militar de São Paulo (CMSP), demonstrando como seu legado se alinha aos valores fundamentais desta instituição de ensino.

## A origem de São Paulo: Anchieta e a Missão de Piratininga

No território colonial, as missões jesuíticas eram um movimento estratégico que ia além da catequese. Tratava-se de núcleos de expansão e consolidação da presença portuguesa, trazendo populações indígenas para os núcleos coloniais, visando à sua sedentarização, ou seja, a

---

1 O Papa João Paulo II beatificou o padre José de Anchieta (1534-1597) em 22 de junho de 1980, a partir de processo que teria começado em 1597 após relatos de milagres em São Paulo. O beato foi canonizado 34 anos mais tarde e declarado santo pelo Papa Francisco em 3 de abril de 2014.

transição da vida nômade para a vida sedentária, e sua evangelização (Freitas, 2016). Por essa lógica expansionista, a missão de Piratininga foi um marco histórico da cidade e do país.

Liderada pelo padre Manuel da Nóbrega, a expedição da qual Anchieta fazia parte, buscou um local estratégico para o colégio. A escolha por Piratininga veio da necessidade de criar autonomia ao afastar-se dos "inconvenientes da marinha" (Anchieta, 1933). O evento foi narrado por Anchieta em uma de suas cartas, pelas quais reportava o progresso da missão a seus superiores na Europa. Anchieta fixa a data e o contexto religioso que nomeariam o local:

[...] alguns dos irmãos mandados para esta aldeia, que se chama Piratininga, chegámos a 25 de Janeiro do ano do Senhor 1554, e celebrámos em paupérrima e estreitíssima casinha a primeira missa, no dia da Conversão do Apóstolo São Paulo e, por isso, a ele dedicámos a nossa casa (Anchieta, 1933, p. 38).

Ao participar ativamente desse momento, Anchieta tornou-se figura cofundadora da cidade, ligando para sempre seu nome à região. A vida inicial em Piratininga foi marcada pela precariedade e pela resiliência dos missionários. A descrição que Anchieta faz da primeira estrutura física do colégio mostra as condições adversas enfrentadas: uma "casa feita de madeira e palha, a qual terá de comprido 14 passos e 10 de largo, que nos serve de escola, dormitório e refeitório, enfermaria e cozinha e despensa" (Anchieta, 1933, p. 86). Nesse ambiente de extrema simplicidade, a sobrevivência da missão dependia de uma ferramenta poderosa: a sistematização da linguagem e do ensino, pedra angular do projeto jesuítico no Brasil.

## **Educação e linguística como instrumentos de colonização**

A estratégia jesuítica no Brasil vinculava-se à 'gramatização' das línguas indígenas – pela qual a língua era descrita, normatizada e transformada em instrumento de ensino. Muitos trabalhos mostram como o período missionário consolidou um sistema linguístico-educacional para a

organização social da colônia. Assim, podemos dizer que Anchieta participa de um ato de engenharia linguística e social na nova cidade.

Por exemplo, sua obra *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595) é um marco do pensamento linguístico brasileiro. Nela, Anchieta não apenas codificou a língua tupi, mas a utilizou como um veículo de tradução cultural. O padre traduziu a tradição literária ibérica para a cultura nativa, criando textos híbridos. Na sua poesia, ele adaptou a metrificação e a rima românicas à sonoridade da língua tupi, produzindo uma nova expressão que servia aos propósitos da catequese e dialogava com a cultura indígena, conforme destaca a pesquisa de Severo e Makoni, de 2014.

## Paradigma de liderança e ação política

Outra faceta de Anchieta merece exaltação: a de agente político e diplomata. Na biografia de seu contemporâneo Pero Rodrigues, ele é retratado como um "agente político que atuava em prol do bem de moradores e governantes portugueses", como frisa tese, de 2016, da pesquisadora Camila Corrêa e Silva, em *Divulgar a biografia de um santo: os usos e as apropriações da figura de José de Anchieta no Brasil e na Europa (século XVII)*. Sua autoridade intelectual gerava enorme influência onde atuava. A maestria no uso da língua tupi e seu papel de educador davam-lhe acesso e poder, posicionando-o, junto a outros jesuítas, como negociadores e conselheiros que mediavam conflitos e construíam a ordem social colonial.

A biografia de Quirício Caxa, escrita logo após a morte de Anchieta, narra que, mesmo em posições de poder, Anchieta mantinha sua simplicidade e dedicação aos mais vulneráveis: "Posto no cargo [...] não mudou nada de seu andar comum e acostumado, nem para com os índios, aos quais sempre acudia a pé e descalço" (Freitas, 2016). Esse caráter de liderança, que combinava influência política e humildade, foi fundamental em momentos críticos da colônia.

Um exemplo de sua habilidade como mediador foi a negociação de paz com os Tamoios em Iperoig, ao lado de Manuel da Nóbrega. Ali, ele foi um verdadeiro diplomata, arriscando a própria vida para construir a

estabilidade necessária à consolidação da colônia. Tais qualidades de educador e líder são bases para sua conexão simbólica com o CMSP.

## **Conexão simbólica: Anchieta, padroeiro do Colégio Militar de São Paulo (CMSP)**

A escolha de padroeiros para instituições, especialmente as militares, tem profunda significação. Tais instituições baseiam-se em valores, tradições e exemplos históricos para forjar sua identidade e inspirar seus membros. Por essa razão, a figura do padroeiro serve como um farol, uma referência cujas virtudes e realizações devem ser imitadas pelas novas gerações.

Dessa forma, o padre Anchieta foi designado "padroeiro do Colégio Militar de São Paulo" em 27 de janeiro de 2020. A análise a seguir justifica a pertinência dessa homenagem, conectando Anchieta aos três pilares do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB): "Educação, Disciplina e Patriotismo" (Sistema Colégio Militar do Brasil, 2024).

### **Educação, disciplina e patriotismo**

O pilar da educação do SCMB dialoga diretamente com a missão de Anchieta em São Paulo. A criação do Colégio de Piratininga não foi um ato secundário, mas a razão de ser da presença jesuítica no planalto. Estabelecido em uma "paupérrima e estreitíssima casinha" (Anchieta, 1933, p. 38), o colégio tornou-se um centro de formação fundamental para a colônia. De forma análoga, o propósito do SCMB é oferecer ensino fundamental e médio com foco na excelência acadêmica e em valores e princípios (Sistema Colégio Militar do Brasil, 2024). A missão de Anchieta era educar para formar uma nova sociedade; a do CMSP é educar para fortalecer os líderes de amanhã. A conexão é, portanto, fundamental.

O pilar da disciplina está na vida de Anchieta e na estrutura da Companhia de Jesus. Os valores herméticos das Forças Armadas, ou seja, aqueles reforçados para criar uma identidade forte e resistente a influências externas – visam a uma formação coesa. Esse princípio dialoga diretamente com a disciplina jesuítica, que buscava forjar uma vanguarda incorruptível para a Igreja através do exemplo dos "varões considerados mais ilustres da Ordem", como nos lembra Freitas. Ambas as instituições buscam criar um

quadro de elite disciplinado e orientado à missão por meio da formação rigorosa. Anchieta foi, para seus contemporâneos e a posteridade, exemplo máximo dessa autodisciplina e dedicação incansável ao seu propósito.

Por fim, as ações de Anchieta representam atos fundacionais do que viria a ser o Brasil, remetendo ao sentimento e à atitude patriótica. Sua participação na fundação da cidade de São Paulo, sua atuação política para a consolidação do território português e sua dedicação ao "bem comum e serviço do Rei" (Freitas, 2016) são contribuições poderosas para a construção da nação. Mais especificamente, seu trabalho de criar uma língua geral, fundar núcleos educacionais e mediar conflitos são parte de um projeto nacional de criar um território unificado, missão esta que espelha simbolicamente o papel das Forças Armadas na integração e defesa nacional.

Figura 1 – Galeria no Colégio Militar de São Paulo. Da esq. para a dir.: oração a São José de Anchieta; decreto de 27 de jan. de 2020, que tornou São José de Anchieta padroeiro do CMSP; e uma imagem de Anchieta.



Fonte: Da autora.

## Conclusão

Dessa forma, é intrínseca a conexão entre José de Anchieta e a cidade de São Paulo. A análise do legado de Anchieta revela que suas ações – centradas na educação rigorosa como base de governança, na disciplina pessoal como modelo para a formação de uma vanguarda e na ação política em prol da unificação e do bem comum do território – ressoam diretamente nos valores de "Educação, Disciplina e Patriotismo" do Sistema Colégio Militar do Brasil.

Portanto, a escolha de José de Anchieta como padroeiro do Colégio Militar de São Paulo (CMSP) é mais que uma homenagem a uma figura histórica local. É um reconhecimento simbólico de que sua dedicação à construção de uma nova sociedade segue sendo um modelo relevante para a formação cívica, moral e intelectual das novas gerações de brasileiros.

## Referências

ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: António de Mariz, 1595.

ANCHIETA, José de. Informação dos primeiros aldeamentos da Bahia (1583). In: VIOTTI, Hélio Abranches (Org.). *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta*, S.J. (1554-1594). São Paulo: Loyola, 1989. p. 153-187. (Coleção Cartas Padre Anchieta, 3).

BEATIFICAÇÃO DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA. *Site da Biblioteca Nacional*, 2020. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/06/beatificacao-padre-jose-anchieta>. Acesso em: 28 nov. 2025.

EXÉRCITO BRASILEIRO. *Valores e Princípios do Exército Brasileiro*. Brasília: Exército Brasileiro, 2020.

FREITAS, Camila Corrêa e Silva de. *Divulgar a biografia de um santo: os usos e as apropriações da figura de José de Anchieta no Brasil e na Europa (século XVII)*. 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

KALTNER, Leonardo Ferreira. *Regna Brasillica*: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). Revista da ABRALIN, v. 19, n. 1, 2020.

KALTNER, Leonardo Ferreira; CARDOZO, Melyssa Silva. *Anchieta e a chegada da metalinguagem ao Brasil*: uma análise ecolinguística e historiográfica dos conceitos de nome e de verbo na Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil. Soletas, n. 51, 2025.

SEVERO, Cristine G.; MAKONI, Sinfree B. *Discourses of language in colonial and postcolonial Brazil*. Language & Communication, v. 34, 2014.

VIOTTI, Hélio Abranches. *José de Anchieta*: Textos Históricos. São Paulo, Edições Loyola, 1989 – Obras completas v. 9.

# Nilo Peçanha: primeiro presidente negro do Brasil

Mariana Moura dos Reis

Poucas pessoas sabem, mas o Brasil já teve um presidente negro. Frustrantemente, esse é apenas um dos milhares de fatos que foram “embranquecidos” na história do nosso país. Nilo Procópio Peçanha, presidente do Brasil durante a República Velha, foi o primeiro presidente negro do país, governando entre 1909 e 1910. Naquele momento, o Brasil estava em um período muito recente da abolição da escravidão (13 de maio de 1888), tendo Nilo Peçanha assumido o poder apenas 21 anos depois. Mesmo com a abolição, o preconceito racial ainda existia, assim como é hoje, e infelizmente na época era ainda maior.

Ele era uma pessoa descrita como mestiço, mulato ou pardo, por alguns jornais, no entanto este fato sobre a sua identidade foi ocultado pela elite da época. Era notória a melanina presente em sua pele, mas por ser alvo de preconceito por parte de adversários políticos, algo em sua história mudou: o fato de ser negro.

Essa informação foi quase que apagada tanto da história de Nilo, quanto da nossa história, da história do povo brasileiro. Isso por conta de detalhes que mudaram a imagem do presidente. Eram cuidadosos retoques em suas fotografias para clarear sua pele, assim então promovendo a imagem de uma pessoa branca, como era desejado pela sociedade.

## Origem

Nilo Peçanha nasceu em 2 de outubro de 1867, na cidade de Campos dos Goytacazes, ao norte do Rio de Janeiro. Era uma pessoa de família humilde e não tinha uma vida fácil, era o filho mais velho e tinha mais sete irmãos. Seu pai, Sebastião de Sousa Peçanha, era padeiro e com muito custo e trabalho conseguiu formar seu filho. Sua mãe, Joaquina Anália de Sá Freire, vinha de uma família de agricultores. Juntos, viviam modestamente em um sítio na área rural.

O preconceito sempre esteve presente na vida de Nilo. Em sua juventude, a elite social de Campos dos Goytacazes chamava-o de “o mestiço de Morro do Coco”, região na qual passou sua vida, até o período escolar.

Figura 1: Nilo Peçanha.



Fonte: Brasiliana Fotográfica, 2025.

Com muito esforço e incentivo de sua família, Nilo Peçanha terminou seus estudos em escola pública e logo entrou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo. Saiu de São Paulo e formou-se pela Faculdade de Direito do Recife, em 1887. Ambas as faculdades formaram grandes políticos e pessoas importantes ligadas à política do Brasil. Na faculdade, então, teve contato com as ideias republicanas e abolicionistas que moldaram sua carreira.

Em seu casamento com Ana de Castro Belisário Soares de Sousa, conhecida como Anita Peçanha, no ano de 1895, Nilo enfrentou novamente o preconceito. Virou um escândalo social por conta da oposição familiar da noiva, uma família aristocrática e rica. Anita era neta do Visconde de Santa Rita e bisneta do Barão de Muriaé e do primeiro Barão de Santa Rita. A família não aceitava sua união com um homem mulato e pobre, mesmo com o crescimento na política. Amigos e parentes,

até a mãe e irmã de Anita, pararam de falar com ela por conta de seu casamento, contudo Anita seguiu em frente e ficou com Nilo até o fim da vida dele.

## Vida profissional

No âmbito profissional, o ex-presidente começou na advocacia, mas também foi jornalista e orador. Nilo Peçanha publicava textos que defendiam a República e o fim da escravidão.

Sua entrada formal na política ocorreu com a fundação e presidência do Clube Republicano de Campos e, em seguida, do Partido Republicano Fluminense (PRF), em sua cidade natal, Campos dos Goytacazes, em 1888.

A primeira eleição foi em 1890. Foi eleito para a Assembleia Nacional Constituinte e atuou como deputado federal pelo Rio de Janeiro, ajudou a redigir a primeira Constituição Republicana do país. Ele continuou no Congresso Nacional como deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro de 1891 a 1902.

Logo após foi eleito senador, tendo atuado por um curto período de 1903. E, no mesmo ano, assumiu o cargo de presidente do Estado do Rio de Janeiro (atual governador), onde ficou até 1906. Com uma administração considerada dinâmica e progressista, logo representou o Rio de Janeiro na histórica reunião do Convênio de Taubaté (1906), que estabeleceu a política de valorização do café. No mesmo ano tornou-se vice-presidente do Brasil durante a gestão de Afonso Pena.

Enquanto gestor, era considerado um administrador eficiente e desde cedo defendia a valorização da educação no Brasil. Além disso era uma pessoa descontraída, diferente da maioria dos políticos, um exemplo era que Nilo viajou pelo país fazendo campanha, algo que não era comum naquele momento.

No dia 14 de junho de 1909, Afonso Pena faleceu, estava muito abalado com a morte do filho, pegou uma pneumonia e não resistiu. Assim, Nilo Peçanha assumiu a presidência do Brasil, sendo o sétimo presidente da história. Aos 41 anos de idade, foi o presidente mais novo até então. Mesmo tendo um governo curto, por menos de um ano, 17 meses com

exatidão, Nilo fez grandes feitos, seu governo foi produtivo, com ênfase em educação e desenvolvimento social.

Ele reorganizou o Ministério da Agricultura, Comércio e Indústria, fortalecendo o foco do governo no desenvolvimento econômico. Foi durante seu mandato que criou o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), um órgão que foi antecessor da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas).

Uma das principais ações de Nilo, que o fez ganhar grande reconhecimento, foi o seu investimento na criação de escolas profissionalizantes, que buscava inserir cada vez mais os jovens estudantes no mercado de trabalho. Tanto que, em um pouco mais de três meses no poder, as primeiras 19 Escolas de Aprendizes e Artífices do Brasil foram abertas, dando origem ao que hoje conhecemos como Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Hoje, Nilo Peçanha é o patrono da educação profissional tecnológica no Brasil.

Em seu governo, continuou projetos e obras de governos anteriores que já estavam acontecendo. Foi um governo de transição que, apesar de curto, focou na modernização técnica do país e presenciou a primeira grande crise de união entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, a política do café com leite.

Após deixar a Presidência, Nilo retorna ao Senado e foi novamente eleito presidente do Estado do Rio de Janeiro para um segundo mandato em 1914. Após três anos, foi convidado a assumir o cargo de ministro das Relações Exteriores no governo de Delfim Moreira, atuando durante o período da Primeira Guerra Mundial, quando o Brasil declarou guerra ao Império Alemão.

Em 1922, se candidatou à Presidência da República, momento no qual já tinha se voltado contra a política do Café com Leite, que um dia já havia apoiado, porém perdeu para Artur Bernardes. Apesar de ter sido derrotado, sua candidatura representou uma forte articulação de facções dissidentes e um marco de oposição na política da República Velha.

Nilo Peçanha exerceu o mandato de senador pelo Rio de Janeiro até sua morte, aos 56 anos, em 31 de março de 1924. Não foi uma morte

repentina, ele sofria com graves problemas de saúde, e foi vítima de um colapso cardíaco causado pela doença de Chagas. Nilo faleceu marcando o Brasil com seu governo, como ele desejava, cheio de paz e amor.

Nilo Peçanha é considerado o primeiro (e único até o momento) presidente negro da história do Brasil, um país onde a grande maioria de sua população se classifica como pardos, assim como Nilo era classificado.

Fatos como o do embranquecimento prejudicam a busca por igualdade, o respeito e a história dos povos negros. O apagamento da história, ou até mesmo no caso de Nilo Peçanha, o embranquecimento histórico, é algo de grande atraso para a sociedade como um todo. É preciso reconhecimento e respeito à cultura e história dos negros. Nilo Peçanha representava o povo brasileiro em sua pele.

Resgatar sua história, confrontando o processo de embranquecimento, dá voz e representatividade, gera incentivo e interesse para mais pessoas lutarem contra o preconceito e vencerem, trazendo representatividade ao seu povo.

## Referências

BRASILIANA FOTOGRAFICA. [Nilo Peçanha]. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / Instituto Moreira Salles, [s.d.]. Disponível em: [brasilianafotografica.bn.gov.br](http://brasilianafotografica.bn.gov.br). Acesso em: 4 out. 2025.

BUENO, Eduardo. *Nilo Peçanha, o primeiro presidente negro do Brasil*. [S. l.]: Buenas Ideias, 20 nov. 2019. 1 vídeo (15 min 21 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Umm-fM-HTnI>. Acesso em: 15 dez. 2025.

NILO Peçanha. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em: [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org). Acesso em: 4 nov. 2025.

SANTOS, Patrícia. *Nilo Peçanha: a história do presidente negro do Brasil*. Alma Preta Jornalismo, [S. l.], 6 nov. 2023. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/nilo-pecanha-a-historia-do-presidente-negro-do-brasil/>. Acesso em: 1 out. 2025.

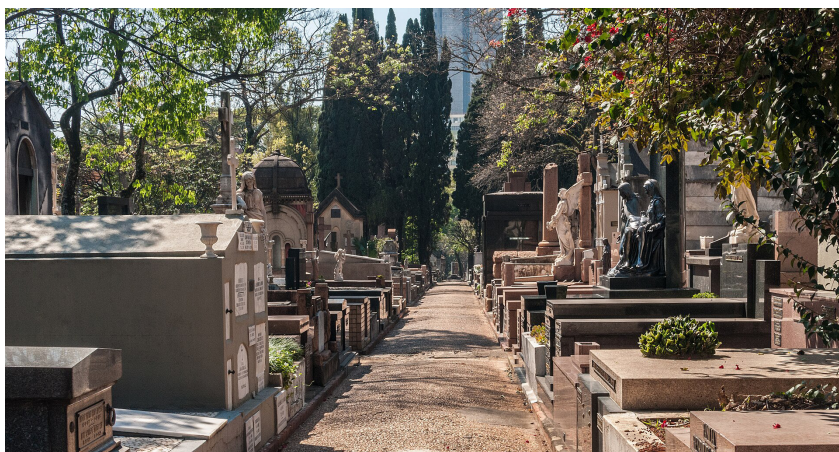
VOGALIZANDO A HISTÓRIA. *A história de Nilo Peçanha*. [S. l.]: Vogalizando a História, 1 nov. 2021. 1 vídeo (22 min 53 s). Disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Acesso em: 11 nov. 2025.

# O túmulo de Domitila de Castro

Gabriel Nassar

Fundado em 1858 e um dos mais conhecidos da cidade de São Paulo, o Cemitério da Consolação localiza-se na rua de mesmo nome. É tombado por dois órgãos: o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) e pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP). O cemitério de aproximadamente 76.000 m<sup>2</sup> foi construído inicialmente para combater a insalubridade e evitar epidemias, pois substituiria o antigo hábito de enterrar os cadáveres nos terrenos de igrejas. Com o advento da burguesia e aristocracia cafeeira, surgiu-se a necessidade de “elitizar” o local, onde foram instalados jardins e trabalhos artísticos de grandes nomes paulistas.

Figura 1: Cemitério da Consolação.



Fonte: Funerária Santo Amaro (s.d.).

Dentre os enterrados no Consolação, está Domitila de Castro Canto e Melo, a famosa Marquesa de Santos e conhecida também pelo título de “amante de Dom Pedro I”. Nascida em São Paulo capital e descendente de uma família nobre e componente da elite social, Domitila teve seu

primeiro casamento, aos 15 anos – com um alferes –, marcado por intensas agressões e violências domésticas. Após longa batalha, finalmente conseguiu a separação.

Poucos dias antes da Proclamação da Independência do Brasil de Portugal, a mulher conheceu o imperador, que já era casado com a imperatriz Maria Leopoldina da Áustria. Independente do matrimônio oficializado, a amante consagrou-se como a preferida de Dom Pedro I e conseguiu uma ascensão notadamente veloz e poderosa, adquirindo diversos títulos de nobreza, honrarias e posição de destaque na corte, e ainda recebendo diferentes "mimos", como uma mansão próxima à residência oficial da família real.

Sua importância na vida do imperador foi crescendo cada vez mais, o que passou a incomodar Dona Leopoldina, que teve de passar a conviver obrigatoriamente com a Marquesa, após a mesma ter sido nomeada "dama de companhia" de Dom Pedro I. A morte da popular imperatriz em 1826 agravou a situação já conturbada de "Titília", como era chamada pelo seu amante, em relação à sociedade brasileira da época. Sua figura dividia opiniões entre a população.

Figura 2: Dona Leopoldina.



Fonte: Creazilla ([s.d.]).

A relação de ambos era extremamente carinhosa, eles enviavam cartas um ao outro (antes da morte de Leopoldina), contendo, muitas vezes, conteúdo erótico, o que evidenciava ainda mais o apreço que eles tinham entre si. O casal teve, então, cinco filhos, dos quais duas sobreviveram, uma se tornou duquesa de Goiás, enquanto a outra, duquesa consorte de Iguazu. Todavia, o relacionamento de ambos terminou em 1829, após sete anos de muita intensidade, amor e polêmicas.

Mesmo assim, a vida amorosa de Domitila não terminou, após separar-se de Dom Pedro I, a Marquesa de Santos casou-se com o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, no ano de 1842, aos 45 anos. Este matrimônio foi de extrema importância para sua reputação, pois firmou seu lugar na nobreza brasileira, iniciou tempos de uma espécie de alívio para a mulher, que havia passado por muitas adversidades durante seus dois primeiros casamentos, e ainda simbolizou a força do Império no Brasil.

A relação de ambos foi frutífera e gerou mais seis filhos. Domitila passou a se envolver com atividades filantrópicas, o que fez com que ganhasse mais prestígio, porém decidiu viver de forma mais discreta na cidade de São Paulo.

O dia 3 de novembro de 1867 é a data de sua morte, cuja causa foi enterocolite, uma inflamação que afeta o intestino delgado e o cólon, aos 70 anos. A conhecida figura foi enterrada, justamente, no Cemitério da Consolação, em um jazigo o qual a mesma pagou para ser construído, ao lado de dois de seus filhos.

Mesmo após a morte, a história de Domitila segue sendo amplamente debatida e comentada até os dias de hoje, retratada inclusive em produtos de entretenimento, como na novela "Novo Mundo" (TV Globo, 2017), que apresentou de forma histórica mesclada com ficção o Primeiro Reinado brasileiro, contando, logicamente, com a participação de Domitila, sendo interpretada pela atriz Agatha Moreira.

Outro fato relacionado com a interessante figura da Marquesa é uma lenda popular, que diz que, quando alguma pessoa solteira deseja se casar com alguém rico ou de alto status social, basta ir até o Cemitério da Consolação e fazer este pedido diante do túmulo da amante de Dom

Pedro I. Caso, de fato, o desejo seja alcançado, a pessoa deve retornar ao local para agradecê-la. Nota-se como Domitila de Castro é lembrada até os tempos atuais e como é forte a sua "marca" para a história da nossa nação e para o imaginário popular.

## Referências

AMARAL, Francisco Pedro do. *Domitila de Castro*. [S. l.]: Creazilla, [s.d.]. Disponível em: <https://creazilla.com/media/traditional-art/6641394/amaral-domitila-mhn>. Acesso em: 26 out. 2025.

BEZERRA, Juliana. *Marquesa de Santos*: biografia, filhos e influência política. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: [www.todamateria.com.br](http://www.todamateria.com.br). Acesso em: 4 dez. 2025.

FUNERÁRIA SANTO AMARO. *Cemitério da Consolação*. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: [www.funerariasantoamaro.com.br](http://www.funerariasantoamaro.com.br). Acesso em: 13 nov. 2025.

SÃO PAULO. *Cemitério da Consolação*. Cidade de São Paulo, [s.d.]. Disponível em: [cidadedesapaulo.com](http://cidadedesapaulo.com). Acesso em: 1 dez. 2025.

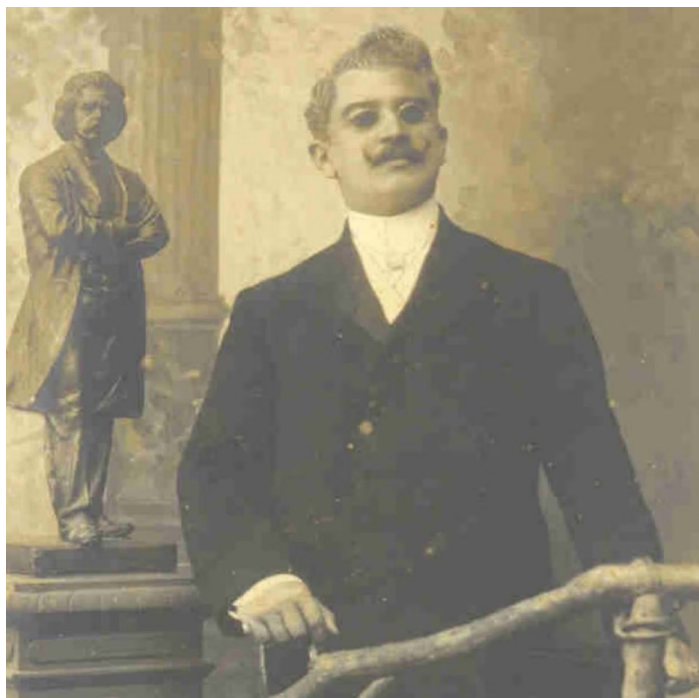
SILVA, Daniel Neves. *Marquesa de Santos*: relações amorosas e influência. Brasil Escola, [s.d.]. Disponível em: [brasilecola.uol.com.br](http://brasilecola.uol.com.br). Acesso em: 14 nov. 2025.

# Pedro Augusto Gomes Cardim: um nome da história, das artes e da política

Letícia Ribeira Faustino

Pedro Augusto Gomes Cardim nasceu em 16 de setembro de 1865, no Estado do Rio Grande do Sul, e foi um visionário, dramaturgo, educador, jornalista e político brasileiro que atuou como figura marcante, no fim do século XIX e início do século XX, dentro do cenário político, cultural e artístico do país.

Figura 1: Pedro Augusto Gomes Cardim.



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 2024.

Durante a sua trajetória, Pedro Augusto Gomes Cardim se dedicou à faculdade de jornalismo pautado em sua ideologia republicana. Fundou jornais, contribuiu para a libertação de pessoas da escravidão em São Paulo e utilizou-se de seus trabalhos no teatro e na poesia para difundir suas ideias abolicionistas, com o objetivo de sensibilizar a opinião pública da época.

O seu envolvimento em ações partidárias o levou a ingressar na política, assumindo os cargos de vereador, prefeito e deputado estadual. Assim, teve atuação nas construções do Cemitério do Araçá e do Viaduto do Chá. Além disso, fundou e participou da criação de diversas instituições históricas, culturais e de ensino.

## **Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) foi fundado, em 1º de novembro de 1894, por uma comissão de intelectuais, entre eles, Pedro Augusto Gomes Cardim, sendo ele o primeiro membro da Comissão de Literatura e Manuscritos.

O Instituto surgiu pouco tempo depois do período da Proclamação da República e tem como objetivo a promoção do estudo, da pesquisa e da divulgação da História e da Geografia, além da preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade e Estado de São Paulo, através de palestras, publicações e cultivo de livros, mapas e objetos que têm relação com o país.

## **Conservatório Dramático e Musical de São Paulo**

O Conservatório Dramático e Musical de São Paulo (CDMSP) foi fundado, em 15 de outubro de 1904, por Pedro Augusto Cardim e João Gomes de Araújo, porém seu início de atividades só ocorreu em 25 de abril de 1906.

O CDMSP foi a primeira instituição de ensino superior de música erudita em São Paulo e a primeira escola de teatro no Brasil, tendo formado diversos artistas, como o romancista e musicólogo Mário de Andrade.

Entretanto, em 2009, a escola enfrentou questões judiciais referentes a dívidas e má condições do edifício, acarretando a sua desapropriação pela Prefeitura. Foi restaurado e integrado à Praça das Artes como um edifício histórico dentro do grande complexo cultural formado no local.

Atualmente, sob a gestão da Fundação Conservatório Dramático e Musical de São Paulo (FCDMSP), o prédio histórico do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo (CDMSP), localizado na Avenida São João, deixou de ser uma escola de ensino regular para se tornar um importante polo cultural no centro da capital.

Figura 2: Edifício Histórico.



Fonte: Cecília Bastos/Usp Imagens, [s.d.]

## Academia Paulista de Letras

A Academia Paulista de Letras (APL) foi fundada, em 27 de novembro de 1909, por um grupo de intelectuais, entre eles, Pedro Augusto Cardim. Sua criação se motivou a partir da Academia Brasileira de Letras, do Rio de Janeiro.

Sua arquitetura, projetada por Jacques Pilon, foi inspirada no modelo originário da França "Art Déco", que preserva as formas geométricas, linhas retas e curvas para transmitir modernidade e progresso.

Em um período em que a cultura e a economia de São Paulo estavam se tornando mais efervescentes, a APL foi criada com o objetivo de ser um espaço acolhedor para reunir todos os públicos em prol da preservação e disseminação da língua portuguesa e da literatura, através de palestras, lançamentos de livros, reuniões, clube de leitura, entre outras atividades educativas.

Figura 3: "Art Déco" da Academia Paulista de Letras.



Fonte: Wikipédia, [s.d.].

## Theatro Municipal de São Paulo

O Theatro Municipal de São Paulo foi inaugurado em setembro de 1911 e contou com a participação de Pedro Augusto Gomes Cardim e da elite cafeeira. O projeto arquitetônico foi inspirado na Ópera Garnier (arquitetura neobarroca de Paris). Na época tinha como foco a modernização da cidade de São Paulo, em que se utilizavam do espaço para fazer negócios.

O local foi fundamental para a realização da Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, que contou com exposição de pinturas, esculturas, concertos e palestras de artistas como Mário de Andrade, Anita Malfatti e Heitor Villa-Lobos. Eles buscavam o rompimento do tradicionalismo, propondo influências das vanguardas europeias, liberdade de expressão e valorização da cultura e identidade brasileira.

Atualmente, o Theatro recebe artistas nacionais e internacionais, orquestras, espetáculos de teatro e visitas de turistas e organizações não governamentais (ONGs), propondo a inclusão de todos os públicos para manifestar e apreciar a arte.

## **Companhia Dramática Nacional**

A Companhia Dramática Nacional (CDN) foi fundada em São Paulo em 1910. Sendo liderada por Pedro Augusto Gomes Cardim, era então nomeada por Companhia Dramática de São Paulo. Entretanto, após pouco tempo, a sede se mudou para o Rio de Janeiro, onde ficou conhecida como Companhia Dramática Nacional.

A CDN foi um importante grupo teatral que ajudou a moldar o teatro paulista e os próprios artistas cênicos. Além de ser fundador, escreveu, dirigiu e atuou nas peças de teatro.

As apresentações e atividades da companhia ocorreram em instituições em que Pedro Augusto Gomes Cardim esteve envolvido, como por exemplo o Theatro Municipal de São Paulo e o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

## **Academia de Bellas Artes de São Paulo**

A Academia de Bellas Artes foi fundada, em 23 de setembro de 1925, por Pedro Augusto Gomes Cardim, motivado por suas ações culturais anteriores e, sobretudo em consequência das ideias abordadas na Semana de 22, foi a primeira instituição a oferecer cursos de artes e arquitetura em São Paulo.

Com o decorrer dos anos, a instituição assumiu diferentes nomes: Escola de Belas Artes (em 1932), Faculdade de Belas Artes (em 1979) e, atualmente, Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Por muitas décadas, a Escola de Belas Artes dividiu o mesmo prédio com a Pinacoteca, na Praça da Luz, mas, com a mudança de região da Belas Artes, o edifício passou a ser exclusivamente do museu.

O Centro Universitário Belas Artes de São Paulo cresceu em estrutura e diversificou os cursos, dando abertura ao design, gastronomia e tecnologia, entre outros. Em setembro de 2025, comemorou seu centenário lançando

o livro *Os 100 Primeiros Anos*, que aborda o passado, o presente e o futuro das artes no Brasil.

Pedro Augusto Gomes Cardim faleceu em 22 de janeiro de 1978, deixando um legado fundamental para a história da educação, arte e cultura da sociedade brasileira.

## Referências

ACADEMIA Paulista de Letras. In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: [pt.wikipedia.org](https://pt.wikipedia.org). Acesso em: 19 out. 2025.

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. **Home**. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.academiapaulistadeletras.org.br/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES. **Belas Artes 100 anos**. São Paulo, [2025]. Disponível em: <https://www.belasartes.br/100-anos/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

CONSERVATÓRIO Dramático e Musical de São Paulo. In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: [pt.wikipedia.org](https://pt.wikipedia.org). Acesso em: 28 nov. 2025.

DW! SEMANA DE DESIGN. **O que a Belas Artes, o Theatro Municipal, o Viaduto do Chá e o movimento modernista tem em comum?** Blog DW!, [s.d.]. Disponível em: [dwsemanadedesign.com.br](https://dwsemanadedesign.com.br). Acesso em: 8 dez. 2025.

GONÇALVES FILHO, Antonio. Há 100 anos, um homem salvava o acervo da Pinacoteca e fundava escola que se tornaria referência. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 14 jul. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/artes/ha-100-anos-um-homem-salvava-o-acervo-da-pinacoteca-e-fundava-escola-que-se-tornaria-referencia-nprec/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

INSTITUTO Histórico e Geográfico de São Paulo. In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: [pt.wikipedia.org](https://pt.wikipedia.org). Acesso em: 9 dez. 2025.

JORGE, Marcos do Amaral. Professores do Instituto de Artes da Unesp vão coordenar recuperação de acervo do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. **Jornal da Unesp**, [S. l.], 3 jul. 2023. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/07/03/professores-do-instituto-de-artes-da-unesp-va-coordenar-recuperacao-de-acervo-do-conservatorio-dramatico-e-musical-de-sao-paulo/>. Acesso em: 4 fev. 2026.

VANCOLLE, J.; CANTÚ, A.; SANTOS, Samuel Archanjo dos; CARLINO, C. **Um Realizador**. [S. l.: s. n.], 1929.

# The Jordans: a história do meu avô e do *rock'n'roll* em São Paulo

Vitória Zaragoza Barros

Caro leitor, hoje irei contar a história de uma pessoa muito importante para mim, o meu avô Olímpio Sinval Drago, nascido em 26 de julho de 1942, em Jaú, no interior de São Paulo. Ele era músico e fazia parte da banda *The Jordans*. Contarei a vocês tudo o que sei sobre a história e tentarei responder as suas prováveis perguntas. O que essa banda tocava? Como ela surgiu? Quem são os membros? Como foi sua trajetória? Bom, ao longo deste capítulo espero poder tirar todas essas dúvidas.

Figura 1: Olímpio Sinval Drago.



Fonte: Acervo da família.

## Vamos começar pelo começo...

Em 1958, aconteceu o nascimento do grupo no bairro do Tatuapé, em São Paulo. Os seus membros eram: Alladin (Romeu Mantovani Sobrinho) – guitarra solo; Sinval (Olímpio Sinval Drago) – guitarra-ritmo; Tony (José de Andrade) – baixo; Irupê (Irupê Teixeira Rodrigues) – saxofone/trompete; e Foguinho (Waldemar Botelho Júnior) – bateria. Posteriormente, Mingo e Manito, que formariam *Os Incríveis*, também passaram pelo grupo, como outros componentes.

O nome da banda surgiu por sugestão de Alladin, que era grande fã de Elvis Presley, cuja banda de apoio chamava-se *The Jordanares*. O seu gênero musical era o rock instrumental, e eles foram um dos conjuntos que fizeram parte da onda de *Rock'n'Roll* que surgiu no Brasil entre 1958 e 1964.

O grupo começou a ganhar destaque em 1961, apresentando-se em programas de auditório, como o "Ritmos da Juventude", na TV Excelsior, e gravando discos. Um de seus maiores sucessos foi a música *Blue Star* (versão de um tema de Victor Young), que ficou em destaque durante meses, o que fez aumentar a popularidade da banda. Outros sucessos foram *Tema de Lara* e *Apache*.

Entre 1965 e 1968, *The Jordans* era o principal conjunto que se apresentava, acompanhando muitos músicos da época, no programa "Jovem Guarda", da TV Record. Teve ainda participação nos primeiros LPs de Roberto Carlos, Vips e Erasmo Carlos. A banda foi considerada um grupo "pré-Jovem Guarda". Em 1967, realizou uma temporada fora do Brasil, passando por países como Espanha, Portugal, Itália, França e Inglaterra, onde chegaram a encontrar seus próprios discos, lançados no exterior pela produtora Copacabana, e onde tiveram um memorável encontro com os Beatles.

## Porém, sempre há um fim para tudo...

Nos anos 1970, o grupo parou de se apresentar e produzir novos discos, o que, segundo alguns relatos, aconteceu após um show na cidade de Bauru, em agosto de 1974. No entanto, de acordo com alguns boatos,

a banda acabou oficialmente por volta de 1976, com cada membro seguindo o seu caminho.

Figura 2: Álbum do The Jordans – Tema de Lara.



Fonte: Anos Dourados, 2014.

Depois que os membros do *The Jordans* se separaram, Sinval foi trabalhar em uma concessionária de peças de automóveis. Alguns anos depois, ele conheceu a minha avó, Suelly Zaragoza, na loja da tia dela. Tia essa que era casada com o irmão de meu avô. De cara, ele gostou dela, porém era uma mulher comprometida. Após alguns meses, o marido de Suelly faleceu e meu avô a levou, de carona, para a casa da tia, depois do enterro, para tomar uma sopa e ser consolada.

Somente após um ano e meio do velório, eles se reencontraram em uma festa na casa da mesma tia, começaram a conversar e, logo, a namorar. Na época, a minha avó já tinha um filho, que se chamava Carlos, de 2 anos e meio de idade. Isso já faz 50 anos. Namoraram por seis meses e se casaram em 20 de dezembro de 1975.

Ela tinha uma lanchonete escolar, e começaram a trabalhar juntos. Meses depois, Suelly engravidou de minha mãe, Valéria. Um ano e quatro meses depois, a minha avó ficou grávida novamente, de meu tio Renato. A vida continuou, o casal vendeu a lanchonete e comprou um restaurante grande e de bastante movimento. Nesse lugar, muitas pessoas vinham para comer: alunos do Mackenzie, Jô Soares e outros artistas da TV Globo.

Figura 3: Casamento de Sinval e Suelly.



Fonte: Acervo da família.

Após duas décadas, a banda decidiu se reunir novamente para apresentações especiais e a gravação de uma nova coletânea chamada *Bons Tempos! The Jordans – 35 anos de Rock Instrumental*. Esse CD foi lançado em 1995 pelo selo Sky Blue. Essa reunião marcou o retorno dos membros da banda, que regravam os seus antigos sucessos e gravaram algumas músicas novas. Desde então eles realizaram alguns shows e aparições. Eu me lembro de ir a esses shows com a minha família. Geralmente a banda se apresentava em restaurantes e no Sesc – eu sempre ficava na frente do palco, dançando enquanto eles tocavam.

Em casa, o meu avô tinha uma coleção de guitarras. Ele sempre tocava, e eu cantava. Ele me contava histórias, mas sempre dormia antes de terminá-las. Adorava filmes antigos, especialmente os de *cowboy* e velho oeste.

Figura 4: Sinval e seus netos.<sup>2</sup>



Fonte: Acervo da família.

No ano 2000, descobriram um tumor em um dos rins de meu avô, que teve que retirá-lo. Em 2008, ele apresentava sintomas de diabetes muito alta e precisou iniciar um tratamento intensivo. Pouco antes da pandemia de Covid-19, o meu avô já estava bem debilitado pelo diabetes, não enxergava muito bem e andava com dificuldade. Então, em 2019, os meus avós se mudaram para Taubaté, porque o meu tio é fisioterapeuta e queria cuidar do meu avô. Em março de 2020, ele apresentou novos sintomas, e seu estado de saúde piorou. Minha avó decidiu fazer uma consulta com o neurologista e foi pedida uma ressonância magnética da cabeça, pois dessa vez poderia haver um tumor no cérebro. Foi confirmado o caso e o tumor não poderia ser operado, já que estava no meio da cabeça e chegava até o pescoço. O prognóstico foi de três meses a dois anos de vida.

Infelizmente, em 16 de julho de 2020, o meu avô faleceu, deixando muitas saudades em todos os nossos corações. Ele sempre foi muito divertido, legal e carinhoso com todos nós. Enfim, ele era muito feliz.

2 Da esquerda para a direita: Gabi, Davi, Henrique (escondido atrás da poltrona), Carol e Vitória.

## Referências

ANOS DOURADOS. *Imagens*: Disco Jordan's. [S. l.], 23 mar. 2014. Blog. Disponível em: <https://www.anosdourados.blog.br/2014/03/imagens-disco-jordans.html>. Acesso em: 3 dez. 2025.

DANILO GOBATTO entrevista Aladdin, do The Jordans. *Rádio Bandeirantes*, São Paulo, 30 set. 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=wgp-\\_JSS02w](https://www.youtube.com/watch?v=wgp-_JSS02w). Acesso em: 11 nov. 2025.

THE JORDANS: Banda deu primeiros passos junto com o rock. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 dez. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2012200207.htm>. Acesso em: 22 nov. 2025.

THE JORDANS. In: *DISCOGRAFIA Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2019. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/artista/134937/the-jordans>. Acesso em: 21 out. 2025.

VOGALIZANDO A HISTÓRIA. *Jovem Guarda*: The Jordans, Aguinaldo Rayol e a Guarânia paraguaia!. [S. l.]: Vogalizando a História, 22 ago. 2020. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U6ad2qJl26A>. Acesso em: 14 dez. 2025.

# Kobra: um mensageiro da paz

Isaac Victor Gomes de Moura

Eduardo Kobra não nasceu artista consagrado nem muralista celebrado em cinco continentes. Nasceu menino da periferia, em 1975, no Jardim Martinica, zona sul de São Paulo, onde a realidade é dura, mas a imaginação insiste em sobreviver. Foi ali que o garoto que rabiscava muros clandestinamente começou a construir – sem saber – um dos maiores legados artísticos do nosso tempo.

Figura 1: Eduardo Kobra.



Fonte: Eduardo Kobra, São Paulo (2020) – [www.eduardokobra.com](http://www.eduardokobra.com).

Da pichação à arte, Kobra percorreu o caminho da inquietação. Adolescente, colecionou advertências na escola e até detenções por intervir em paredes que, para ele, nunca estavam completas. A rua era sua tela, o *spray* era sua voz e o mundo, mesmo sem perceber, já começava a ouvi-lo.

Nos anos 1990, ainda distante das manchetes e das galerias internacionais, Kobra encontrou nos cenários de brinquedos e nos cartazes de eventos o primeiro reconhecimento profissional. Era o filho de um tapeceiro e de uma dona de casa descobrindo que poderia sobreviver – e viver – através da arte. O menino dos muros clandestinos começava a ser contratado pelos mesmos espaços que, um dia, lhe pareciam inalcançáveis.

Figura 2: Muro das memórias.



Fonte: Eduardo Kobra, São Paulo (2002) – [www.eduardokobra.com](http://www.eduardokobra.com).

A década seguinte marcou sua virada. Em 2007, o projeto *Muro das Memórias* colocou Kobra no mapa da arte urbana brasileira. Em vez do grafite colorido que dominava a cidade, ele trouxe às ruas as fotos antigas de São Paulo, reproduzidas em sépia ou preto e branco. Não era apenas estética; era afeto, era pertencimento. Era como se cada traço resgatasse um pedaço da cidade que o tempo tentava apagar.

O estilo único – hiper-realista, profundamente humano e envolto por cores vibrantes – consolidou sua identidade no mundo. Não demorou para que os murais atravessassem fronteiras: França, Espanha, Itália, Noruega, Inglaterra, Índia, Japão, Estados Unidos, Malauí... Kobra saiu da periferia, mas a periferia nunca saiu dele. Sua arte continua sendo um manifesto sobre a potência de onde ele veio.

Figura 3: *Welcome to Brazil.*



Fonte: Eduardo Kobra, São Paulo (2014) – [www.eduardokobra.com](http://www.eduardokobra.com).

Mas Kobra não pinta apenas paredes. Ele pinta causas. No projeto *Greenpincel*, seus murais se tornaram gritos contra o desmatamento, a exploração animal, a poluição e a destruição ambiental.

Figura 4: *The Braves of 9/11*.



Fonte: Eduardo Kobra, Nova York (2018) – [www.eduardokobra.com](http://www.eduardokobra.com).

No projeto *Realidade Aumentada*, transformou em arte as histórias invisíveis de desaparecimentos, pobreza, injustiça e esperança.

E na série *Recortes da História*, levou para os muros do mundo os grandes momentos da humanidade.

Talvez sua fase mais simbólica seja o projeto *Olhar a Paz*, que retrata figuras que dedicaram suas vidas à não-violência e à justiça: Gandhi, Anne Frank, Malala, Einstein, Martin Luther King. Não é exagero dizer que Kobra se tornou, ele próprio, um mensageiro da paz. Suas gigantescas imagens conversam com o mundo, lembrando-nos de que a humanidade sempre pode – e deve – escolher caminhos mais luminosos.

Recordista mundial de murais, criador de obras icônicas como *O Beijo*, no *High Line*, de Nova York, e o monumental mural *Etnias*, nas Olimpíadas do Rio, Kobra não apenas desenha: ele convoca. Convoca à memória, à consciência, à empatia.

O mural *Jesus*, instalado na fachada da Igreja Batista da Lagoinha, em Alphaville, é mais do que arte urbana: é um retrato de fé e renascimento. Com os olhos de Cristo e a coroa de espinhos, a obra traduz o próprio caminho do artista, que enfrentou depressão, ansiedade e solidão até reencontrar direção na fé.

Figura 5: Jesus.



Fonte: Eduardo Kobra, São Paulo (2018) – Instagram.

Cada cor e cada traço carregam essa jornada. Jesus é, antes de tudo, um testemunho visual – a lembrança de que a esperança resiste, a luz atravessa a dor e sempre existe um recomeço possível. O relato do artista, publicado no seu Instagram, é bastante revelador sobre esse trabalho:

Esta obra, *Jesus*, tem um valor pessoal muito especial. Minha trajetória foi marcada por uma longa sequência de desafios: de depressão a crise de ansiedade, de doenças causadas pelo uso constante de tintas a dificuldades financeiras. Houve momentos de solidão, abandono e desespero. Enfrentei dilemas cruciais e me vi em encruzilhadas nas quais não enxergava nenhuma solução.

Mas foi justamente nesses cenários pavorosos que encontrei em Jesus força e direção – e isso ocorreu pela fé. Ele me resgatou com seu olhar misericordioso. Foi mantendo meus olhos fixos nele e nos seus ensinamentos que ressignifiquei minha vida e minha arte.

Em cada um de seus tantos nomes, vejo a manifestação do que Ele fez por mim. Ele trouxe luz, paz, renovação, esperança, motivação e salvação para a minha vida. Por isso digo que este não é apenas um mural: é um testemunho.

Este mural simboliza o amor de Deus, a esperança de recomeços e a superação de adversidades. Quero que todos que o contemplarem se lembrem de que, aos olhos de Deus, somos preciosos. Não importa o quão difícil seja o caminho: Ele nos vê, nos guia e nos cura.

Hoje, morando em São Paulo e cercado pelo trabalho que o projetou ao mundo, Kobra continua fiel ao menino que começou tudo com um spray e um desejo de expressão. Se o mundo o reconhece como muralista, sua obra o revela como algo maior – um homem que faz da arte um caminho para a paz.

Kobra não apenas pinta muros. Pinta pontes. Diálogos. Pinta o que muitos deixaram de ver. Sendo, assim, em cores, um mensageiro da paz.

## Referências

EDUARDO Kobra. In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo\\_Kobra](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Kobra). Acesso em: 3 dez. 2025.

KOBRA, Eduardo. Biografia. [S. l.], [202-?]. Disponível em: <https://www.eduardokobra.com/biografia>. Acesso em: 23 nov. 2025.

KOBRA, Eduardo. **Eduardo Kobra**. [S. l.], [202-?]. Disponível em: <https://www.eduardokobra.com/>. Acesso em: 19 nov. 2025.

KOBRA, Eduardo. **Home**. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.eduardokobra.com/biografia>. Acesso em: 11 nov. 2025.

KOBRA, Eduardo. **@kobrastreetart**. Instagram, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/kobrastreetart/>. Acesso em: 14 dez. 2025.

THE NOITE COM DANILO GENTILI. **Entrevista com Eduardo Kobra**. São Paulo: SBT, 13 jun. 2023. 1 vídeo (52 min, 12 s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=k\\_9\\_gQ\\_f-fl](https://www.youtube.com/watch?v=k_9_gQ_f-fl). Acesso em: 4 dez. 2025.

# Pérola Byington na defesa das mães

**Marcela Leme Corrêa Morais Baia**

O Estado de São Paulo é muito rico em cultura, arte, gastronomia, tecnologia, saúde e diversas outras áreas. Nele, nasceram muitas figuras importantes e memoráveis. Uma delas é Pérola Byington, uma das mais significativas na história das mulheres no Brasil.

Filha de Mary Elizabeth Ellis e Robert Dickson (imigrantes estadunidenses) e nascida em 3 de dezembro de 1879, em Santa Bárbara d'Oeste (interior de São Paulo), Pérola foi uma garota que sempre sonhou e trabalhou para fazer a diferença no mundo. Mesmo com poucas informações sobre sua infância, acredita-se que ela se importava com o bem-estar social, principalmente das mulheres, desde sua mais tenra idade.

Em 1901, Pérola casou-se com Alberto Jackson Byington e teve dois filhos: Alberto e Elizabeth Byington. Em 1912, devido às condições do Brasil, Pérola se mudou com sua família para os Estados Unidos, visando dar uma boa educação aos filhos. Durante a 1ª Guerra Mundial, ela curou e salvou diversos cidadãos estadunidenses, sendo responsável por uma seção da Cruz Vermelha – movimento que protege a vida e a saúde humana, previne e alivia o sofrimento. Era um movimento humanitário internacional em que não havia discriminação por nacionalidade, raça, sexo, religião, classe social ou opinião política. Pérola acreditava que serviços que agem a favor do bem-estar e de uma boa qualidade de vida não deveriam ficar restritos apenas a um grupo restrito de pessoas, mas a todos os que precisassem.

Figura 1: Pérola Byington.



Fonte: GE64PB, 2020.

Os serviços de emergência médica feitos por Pérola e diversos outros enfermeiros eram os melhores possíveis para as condições e tecnologia da época. Pérola é muito admirada até hoje por ter prestado cuidados a qualquer um que ela visse necessitar. Mas, em seu tempo, enfrentava um turbilhão de olhares que desaprovavam suas ações, porém ela seguia firme no que acreditava ser o certo a se fazer.

Ao voltar para o Brasil no início da década de 1920, Pérola continuou com atividades altruístas. A partir de 1930, liderou uma campanha de combate à mortalidade infantil, junto de Maria Antonieta de Castro, batizado de "Cruzada Pró-Infância". Atuou nesse projeto por mais de 33 anos, defendendo os direitos da criança, da gestante e da mulher e oferecendo assistência social, saúde e educação. Em 1932, teve uma importante participação na Revolução Constitucionalista, fazendo ataduras e peças de roupas para os soldados e prestando auxílio às famílias dos combatentes. Byington também trabalhou em outras ações e programas em defesa dos menos favorecidos, principalmente crianças. Era uma

mulher excepcional, sabia pelo que lutava e quais eram seus objetivos: construir uma sociedade que valorizasse a mulher, seu trabalho, dignidade e direitos; que visse as crianças como parte crucial da nossa vida; e que tivesse uma educação e cuidados dignos.

Em 1959, foi inaugurado o Hospital Cruzada Pró-Infância, em São Paulo capital, e no ano de seu óbito – 1963 – foi rebatizado de Hospital Pérola Byington, o primeiro hospital dedicado inteiramente ao atendimento à mulher e com um núcleo de profissionalização para jovens em vulnerabilidade social. O grupo é referência no atendimento a mulheres que sofrem violência sexual e com endometriose. Em meio a uma sociedade injusta e machista, Pérola lutava pela vida da mulher e de suas necessidades, entendia que gestantes e mães não eram mais fracas e frágeis, mas mais fortes por estarem criando um ser humano e o educando para ser alguém que fizesse a diferença para o bem.

Figura 2: Hospital Pérola Byington.



Fonte: Folha/UOL, 2022.

Ela compreendia ser a maternidade função social do Estado e defendia a assistência à mãe solteira como forma de enfrentar os problemas sociais. No Cruzada, estruturou laboratórios que faziam exames sem cobrar dos pacientes e algumas farmácias que doavam medicamentos.

O movimento é muito prestigiado até hoje, contém creches, centros de educação infantil, pré-natal, fisioterapia, atendimento odontológico e distribuição de alimentos que ajudam inúmeras famílias e mães pelo Brasil. Objetivava melhorar a qualidade do pré-natal, numa época em que muitas mães davam à luz em lugares precários e sem higiene básica. As taxas de mortalidade infantil eram enormes, e ela pretendia mudar esses números. Byington foi uma das maiores figuras no Dia das Crianças e no Dia da Mulher, além de muitas de suas ideias estarem presentes nas Declarações dos Direitos Humanos atual. Ela lutou pelo voto da mulher e foi a primeira que levou ao público um projeto sobre a necessidade da educação sexual nas escolas.

É importante vermos em Pérola o que falta em nossas atitudes e no dia a dia: a persistência, cuidado, empatia e altruísmo. Infelizmente ainda temos mulheres em situação de gravidez de risco devido a péssimas condições de vida. Por mais que houvesse muitos que a reprimiam e tentavam acabar com seus projetos, Pérola nunca abaixava a cabeça. Entendia que estava lutando pelo bem maior em meio às grandes dificuldades. Naquele tempo, ser mulher era ser igual a quase nada. Mesmo tendo um dos papéis mais importantes na sociedade, ela representa amor, paz, cultura, cuidado, seguro, justiça, ordem e vários outros pilares na nossa vida. Ter uma mulher em casa é ter o mundo em casa.

Por causa de Pérola, crianças puderam sair de condições insalubres de trabalho na época, quando eram obrigadas a trabalhar o mesmo período de um homem adulto, com um fardo enorme já aos 9 anos de idade. Após sua influência, muitas crianças puderam ir à escola, se alimentar melhor, ter condições de saúde dignas, ter direitos e muito mais. Ela reconhecia a crucialidade naqueles que eram invisíveis, enxergava quem estava escondido e o ajudava sem nenhuma distinção. Muitos homens foram testemunhas de seus cuidados também. Com seu amor e reconhecimento pelos que amparava, caminhava ao lado daqueles que acreditavam naquilo que também defendia.

No mundo injusto e sem direitos em que vivia, em cidades onde mulheres eram violentadas e tratadas como objetos, não recebiam salário ou recebiam uma quantia ridiculamente inferior à dos homens,

onde bebês nasciam e já pereciam devido às condições de sua família, ela quis promover transformações. Pérola foi a maior figura na defesa das mulheres e crianças na história brasileira e é alguém de quem devemos sempre nos lembrar e seguir de exemplo.

Atualmente, o Hospital Pérola Byington é conhecido como Hospital da Mulher e segue cumprindo seu papel na vida de milhares de brasileiras. Mulheres empreendedoras conseguiram muitos de seus direitos e igualdades devido a ela. Pérola Byington está marcada na história por seu grande amor e trabalho numa sociedade tão difícil e desigual. Que sempre nos lembremos dela com admiração e gratidão.

## Referências

FOLHA DE S. PAULO. *Hospital Pérola Byington*. Fotografia. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL. *Mês da mulher*: quem foi Pérola Byington?. [2021?]. Disponível em: [fundacaodorina.org.br](http://fundacaodorina.org.br). Acesso em: 22 nov. 2025.

GE64PB. *Pérola Byington*. Fotografia. 2020. Disponível em: <http://www.ge64pb.com.br>. Acesso em: 2 nov. 2025.

G1. *De professora a fundadora de hospital*: a história de luta da barbarensense Pérola Byington. Piracicaba e Região, 16 dez. 2018. Disponível em: [g1.globo.com](http://g1.globo.com). Acesso em: 23 nov. 2025.

SÃO PAULO IN FOCO. *Uma vida dedicada à saúde da mulher*: A Contribuição de Pérola Byington. São Paulo, 8 mar. 2021. Disponível em: [saopauloinfoco.com.br](http://saopauloinfoco.com.br). Acesso em: 1 dez. 2025.

# O legado de Sônia Gusman para a fisioterapia no Brasil

**Meg Beatrice Sasaki**

A história da fisioterapia no Brasil não pode ser contada sem se mencionar a vida da Dra. Sônia Gusman. Seu nome marcou gerações de profissionais e continua vivo não apenas nos livros ou nos documentos oficiais, mas na construção da área de Fisioterapia e Terapia Ocupacional no Brasil, impactando inúmeros profissionais e pacientes ao longo de sua trajetória. Contar a sua história é reconhecer que algumas pessoas deixam marcas que o tempo não esquece e impactos que se tornam parte da identidade social e cultural de um país.

Sônia Gusman nasceu em 30 de junho de 1943 e faleceu em 7 de maio de 2012, aos 69 anos. Durante sua vida, ela consolidou com muita dedicação o órgão fiscalizatório e normativo de fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais por meio da Lei nº 6.316/75. Sendo assim, foi a primeira presidente do Conselho Federal de Fisioterapia, atuando entre 1975 e 1986, e portadora do registro profissional nº 0001-F. Teve atuação fundamental na criação do Sistema COFFITO/CREFITOs, junto da sua colega Dra. Veridiana Arb Makhloof, terapeuta ocupacional.

Formada em 1967, na primeira turma de Fisioterapia da Universidade de São Paulo (USP), Sônia Gusman iniciou sua carreira em um momento em que a fisioterapia ainda buscava reconhecimento e espaço. Enquanto muitos viam a profissão apenas como uma extensão de outras áreas da saúde, ela enxergava potencial, autonomia e grande responsabilidade. Desde o início, assumiu para si a missão de fortalecer a fisioterapia como ciência, prática clínica e serviço essencial à sociedade. Sua determinação transformou não só o rumo da profissão, mas também a vida de quem se beneficiou de sua visão.

Seu trabalho se destacou rapidamente pelo conhecimento técnico e pela coragem de inovar. Sônia Gusman teve papel importante no aprimoramento dos fisioterapeutas brasileiros no Método Neuroevolutivo Bobath, que trata de crianças com lesões neurológicas. Foi a primeira instrutora sênior da técnica na América Latina, certificada em Londres. Seu domínio e sua paixão pela neurofuncionalidade abriram portas para que crianças, jovens e adultos com comprometimentos neurológicos recebessem tratamentos mais humanos, eficazes e completos.

Mas seu impacto não parou na prática clínica. Sônia também foi líder, articuladora e defensora incansável da regulamentação profissional. Com o método Bobath, Dra. Sônia também foi uma das fundadoras da ABRADIMENE (Associação Brasileira para o Desenvolvimento e Divulgação do Conceito Neuroevolutivo), responsável por promover o treinamento de profissionais das áreas de terapia ocupacional, fisioterapia e fonoaudiologia para o tratamento de pessoas com diferentes disfunções neuromusculares.

Sua presença também ultrapassou fronteiras. Representou o país na *World Confederation for Physical Therapy* (WCPT), uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1951, que representa mais de 600.000 fisioterapeutas através de associações nacionais, promovendo a profissão, melhorando a saúde mundial, estabelecendo padrões, atuando como referência e colaborando com a Organização Mundial de Saúde (OMS). Sônia levou a fisioterapia brasileira para o cenário internacional, mostrando que o Brasil não apenas acompanhava o avanço científico mundial, mas também cooperava com ele. Em tudo o que ela fazia, defendia a essência da profissão: cuidar das pessoas com competência, dignidade e sensibilidade.

O legado de Sônia Gusman se revela também nas homenagens que recebeu, sendo muitas delas póstumas, e nos espaços que hoje carregam seu nome. Centros acadêmicos, prêmios de honra ao mérito e projetos institucionais reconhecem a importância de sua contribuição. Não se trata apenas de reverenciar uma profissional, mas de preservar a memória de alguém que transformou toda uma área da saúde com dedicação, inteligência e humanidade.

Sua vida é um exemplo de como histórias individuais podem se tornar parte da memória coletiva. Ao lutar pelo reconhecimento, ela inspirou estudantes e ensinou gerações, mudou a prática clínica da Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Ao cuidar, tocou vidas. Dra. Sônia Gusman deixou muito mais do que realizações, ela deixou uma herança de compromisso com o outro, de amor pela profissão e de respeito pela vida humana, inspirando muitos outros a seguirem o mesmo caminho, em que um tratamento pode melhorar a qualidade de vida de alguém.

Contar sua história permite que ela continue existindo na memória coletiva. Que sua trajetória siga inspirando jovens que sonham em trabalhar na área da saúde, profissionais que buscam fazer a diferença e comunidades que reconhecem o valor de quem dedicou a vida ao cuidado. Preservar o legado de Sônia Gusman é, também, preservar parte da história da fisioterapia brasileira, área que vem sendo cada vez mais reconhecida.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO E DIVULGAÇÃO DO CONCEITO NEUROEVOLUTIVO BOBATH (ABRADIMENE). **Sobre a ABRADIMENE**. Porto Alegre, [20--?]. Disponível em: <https://www.abradimene.org.br/sobre/>. Acesso em: 3 nov. 2025.

BRASIL. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO). **Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional**. Brasília, DF, [20--?]. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=34313>. Acesso em: 16 nov. 2025.

SÃO PAULO (Estado). Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 3ª Região (CREFITO-3). **Homenagem à Dra. Sonia Gusman**. São Paulo, 6 maio 2025. Disponível em: <https://www.crefito3.org.br/dsn/noticias.asp?cn=11065>. Acesso em: 27 nov. 2025.

UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA (UNISANTA). Fisioterapia Unisanta presta homenagem póstuma à Dra. Sônia Gusman. Santos, 8 maio 2012. Disponível em: <https://noticias.unisanta.br/campus/fisioterapia-unisanta-presta-homenagem-postuma-a-dra-sonia-gusman>. Acesso em: 20 nov. 2025.

WORLD PHYSIOTHERAPY. **Sobre nós – Fisioterapia Mundial**. Londres. Disponível em: <https://world.physio/pt/about-us>. Acesso em: 3 dez. 2025.



## II. LUGARES QUE ABRIGAM [...]

# A história de Duartina e de sua comunidade japonesa

**Bruna Guerra**

Duartina, com 12.328 habitantes, localizada no interior do Estado de São Paulo, é uma cidade pequena em tamanho, mas grande em história. O processo de emancipação duartinense é complexo e notável e, em pé de igualdade na importância, há a imigração japonesa na cidade.

Quando o Governo Imperial sancionou a Lei de Terras, em 1850, que estabeleceu que a única forma de obter terras públicas seria pela compra e não pela ocupação do terreno, muitos pioneiros com interesse na região para o plantio de café compareceram ao vigário de Botucatu, registrando ali suas posses.

Ao chegarem em suas terras, encontraram vários nativos do povo indígena Caingangues que habitavam a área por centenas de anos. Diversas lutas entre os cafeicultores e os nativos se iniciaram, havendo ataques violentos dos dois lados. Porém as ofensivas direcionadas aos Caingangues foram muito mais severas e brutais e, assim, com o tempo, os desbravadores destruíram totalmente as aldeias nativas.

Além dos cafeicultores, chegaram também imigrantes no século XIX. Também foram desembarcando migrantes da Bahia, Ceará, Paraíba e de regiões paulistas produtoras de café.

Desde 1910, um grupo de pessoas morava na fazenda de Santa Luzia, terreno do Coronel Theodório Lopes Pedroso. Coube, então, ao coronel reunir essas pessoas e desenvolver a região, sendo a ele atribuída a urbanização local. E, em 13 de dezembro 1920, foi fundado o povoado de Santa Luzia do Serrote, que até então fazia parte do município de Piratininga.

Em 16 de dezembro de 1922, o povoado de Santa Luzia do Serrote foi elevado a Distrito de Paz, entretanto seu nome permaneceu o mesmo. A cerimônia de instalação ocorreu em 15 de abril de 1923. Já no dia 11 de dezembro de 1926, a localidade subiu para a categoria de município, sendo separada de Piratininga e tendo seu nome alterado para Duartina, em homenagem ao então Bispo de Botucatu, Dom Carlos Duarte da Costa. Sua instalação ocorreu no dia 19 de maio de 1927.

Em alguns bairros havia uma grande parcela da população proveniente do Japão. A zona da Água da Onça atraiu imigrantes japoneses por ter ali uma fazenda, de posse de Kanbe Yanaguiwara, que em seu terreno mantinha uma escola de educação primária japonesa. Kiogi e Shigeru Fujita se destacaram na cidade ao adquirirem terras, na região de Água da Capoeira, para o cultivo de algodão e café em 1922.

Com a Guerra do Pacífico, a fibra parou de ser produzida pelo Japão, maior produtor de tecido na época. Essa estagnação na produção japonesa motivou a família Fujita a retomar as atividades sericícolas.

Inicialmente, a região tinha 3 mil pés de amoreiras, porém, com o mercado da seda crescendo cada vez mais, outras famílias orientais e até mesmo italianas começaram a investir nesse cultivo. O movimento fez com que Duartina passasse a ter 5 milhões de pés de amoreira exclusivamente para a criação e alimentação de larvas do bicho-da-seda.

Além da produção familiar de seda, houve também a produção em grupos de fiação. Com a iniciativa dos imigrantes Yamada e Yamaguchi, houve a instalação da Fiação Gunsan S/A, do grupo de capital japonês Gunze Sangio na década de 1970. Contudo, nos anos 1980, a fiação foi comprada por um grupo de imigrantes asiáticos do município de Bastos, com a empresa Bratac, assim, instalando sua unidade fabril em Duartina.

Em 1945, com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a colônia nipônica no Brasil se dividiu entre Kachigumis (que acreditavam na vitória do Japão) e Makegumis (que aceitavam a derrota japonesa). Os que acreditavam na vitória perseguiram os outros, chamando-os de traidores e, em casos mais extremos, cometendo atentados contra o grupo opositor.

Mesmo que esses conflitos ocorressem em várias partes do país, a comunidade japonesa de Duartina era bem tranquila nessa questão, criando um ambiente de estabilidade para a produção de seda continuar. O clima entre os imigrantes era tão bom que foi possível a fundação da Fiação Santa Luzia (Tatsuno Murakami e Yoshio Inokuchi) e da Fiação de Seda Duartina (Pedro Piazzentin, Kioshi Kawai, Yoshio Kawai e Hatsuo Shitara). A amizade da comunidade oriental com o delegado local fazia com que as restrições sofridas por japoneses, alemães e italianos, após o rompimento do Brasil com o Eixo, fossem bem mais leves do que no resto do país.

Na década de 1950, integrantes da família Mabushi chegaram ao Brasil como missionários da religião Tenrikyo, fundando a primeira igreja na cidade (a primeira do país nasceu em Bauru, São Paulo). Além da igreja da família Mabushi, a família Miyoshi também fundou sua igreja Tenrikyo na mesma época.

Figura 1: Igreja Tenrikyo da Família Miyoshi.



Fonte: Wikipédia, 2019.

Daijiro Matsuda e sua família foram os primeiros fiéis da Seicho-No-Ie do Brasil, se tornando adeptos da filosofia em 1934, após a leitura de um livro do senhor Oshiro (vizinho da família) enviado diretamente do Japão a ele.

Em homenagem a moradores que contribuíram para o desenvolvimento de Duartina, há placas pela cidade e bancos na praça da Igreja

Matriz de Santa Luzia com os nomes desses ilustres cidadãos, inclusive de imigrantes japoneses. Outra marca da presença japonesa está no Cemitério Municipal de Duartina, que possui túmulos tradicionais japoneses e até mesmo túmulos chineses, provando que a comunidade asiática duartinense era composta também por outras origens. A colônia do Japão é bem reconhecida na cidade, ganhando até mesmo um monumento para comemorar os 100 anos de sua imigração no Brasil.

Figura 2: Monumento aos 100 anos da imigração japonesa.



Fonte: Wikipédia, 2019.

## Referências

DIAS, Benedito Nunes. *Crônicas duartinenses*. São Paulo: Resenha Tributária, 1989.

DUARTINA (Município). Prefeitura Municipal. A Cidade. *Duartina*. Disponível em: <https://www.duartina.sp.gov.br/cidade>. Acesso em: 12 dez. 2025.

FREITAS, Valdeci Corrêa de. *Duartina*: esboço de uma história. [S. l.]: Art Nosde, 1993.

IGREJA Tenrikyo Duartina (Família Miyoshi). [Fotografia]. In: *WIKIPÉDIA*: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igreja\\_Tenrikyo\\_Duartina\\_\(Fam%C3%ADlia\\_Miyoshi\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igreja_Tenrikyo_Duartina_(Fam%C3%ADlia_Miyoshi).jpg). Acesso em: 19 nov. 2025.

# Bairro da Liberdade: a cultura japonesa e a história do povo negro

Sofia Carvalho Santos Ernesto

Muitas pessoas conhecem o Bairro da Liberdade por conta da influência da cultura japonesa, porém o que pouca gente sabe é que bem antes o local era habitado por negros. Uma história que, ao longo do tempo, foi ocultada e esquecida.

Em 1754, foi criado o Bairro da Pólvora (como antes era chamado o Bairro da Liberdade, numa referência à Casa da Pólvora, um antigo depósito militar). Depois, o local foi conhecido como Largo da Forca, pois ali era o lugar onde os escravizados fugitivos eram enforcados. Foi o que aconteceu com Francisco José das Chagas, mais conhecido como Chaguinhas, o qual foi condenado à morte por liderar uma revolta que pedia o pagamento de soldos atrasados e igualdade de valores no pagamento para os militares brasileiros e portugueses. Porém, durante a sua execução, a corda da forca se rompeu três vezes. O povo entendeu que era um sinal divino e começou a gritar "Liberdade!". Mesmo assim, Chaguinhas foi morto, mas o ocorrido acabou inspirando o novo nome do local. A forca foi transferida para outro lugar (onde funcionou até 1870) e, então, o largo passou a se chamar Largo da Liberdade. E o nome se ampliou, abarcando todo bairro.

No século XX, os japoneses migraram para o Brasil em busca de melhores condições de vida. A cultura japonesa se expandiu mais no Bairro da Liberdade após a 2ª Guerra Mundial, e eles começaram a se estabelecer nas regiões das ruas Galvão Bueno, Estudantes, Conde de Sarzedas etc. Os japoneses preferiram morar nesse local devido ao baixo custo de vida.

Com o tempo, os habitantes orientais criaram comércios relacionados à cultura do seu país. Durante a 2ª Guerra Mundial, Getúlio Vargas perseguiu os japoneses e, somente com o fim da guerra, em 1945, eles puderam reabrir seus negócios e viver normalmente. A partir da década de 1950, muitos japoneses passaram a sair do bairro, devido ao grande aumento da comunidade nipônica no local. Assim começaram a procurar outros bairros para viver, expandindo sua presença em São Paulo, e deixando apenas seus comércios no Bairro da Liberdade.

Atualmente o Bairro da Liberdade é um dos principais pontos culturais e turísticos de São Paulo, com muita influência japonesa e coreana e com poucos vestígios da cultura africana. Só existem alguns pontos que representam a antiga presença negra, como a Capela Nossa Senhora dos Aflitos e o Memorial dos Aflitos. Após encontrarem ossadas em um terreno demolido na Liberdade é que se incentivou a criação do Memorial, um espaço para preservação da memória negra do bairro.

Figura 1: Capela da Nossa Senhora dos Aflitos.



Fonte: Rodrigo Costa/Alesp (2023).

Figura 2: Estátua da Madrinha Eunice.



Fonte: Jcornelius/ Wikimedia Commons (2022).

Podemos perceber que conforme os anos foram se passando o Bairro da Liberdade foi perdendo a cultura africana e ganhando influência japonesa, porém atualmente há um esforço para se resgatar as memórias da presença negra e seu reconhecimento na história do Bairro da Liberdade e de São Paulo.

## Referências

ESTÁTUA da sambista negra Madrinha Eunice é inaugurada na Liberdade. **G1**, São Paulo, 2 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/04/02/estatua-da-sambista-negra-madrinha-eunice-e-inaugurada-na-liberdade.ghtml>. Acesso em: 3 dez. 2025.

IGREJA sob o viaduto. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 31 jul. 2010. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3107201025.htm>. Acesso em: 22 nov. 2025.

LIBERDADE: a história por trás do bairro turístico de São Paulo. **Casa Vogue**, 15 out. 2020. Disponível em: [casavogue.globo.com](https://casavogue.globo.com). Acesso em: 11 dez. 2025.

LIBERDADE (bairro de São Paulo). In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. [S. l.]: Fundação Wikimedia, 2026. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade\\_\(bairro\\_de\\_S%C3%A3o\\_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade_(bairro_de_S%C3%A3o_Paulo)). Acesso em: 5 nov. 2025.

# A conservação do bioma brasileiro guardado na Água Funda – bairro de São Paulo

**Derlimar de Los Angeles Ramos Suarez**

A história do bairro da Água Funda, localizado na zona sul de São Paulo, tem origem em 1947, quando o empresário libanês Miguel Stefano loteou suas terras. A princípio chamava-se Vila Parque Calabrês e, atualmente, bairro da Água Funda. O nome atual teve origem devido a uma grande lagoa que existia na região. Relatos mais antigos dizem que as mães temiam que seus filhos fossem nadar na lagoa e se afogassem e, por isso, colocavam medo neles, alertando sobre a profundidade da água.

O bairro é composto por abundância de recursos hídricos, como no Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, também conhecido como Parque do Estado ou Parque da Água Funda, o Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade de São Paulo e o Observatório de São Paulo. Por causa disso, manteve preservadas a paisagem e a vegetação original, mesmo com o crescimento e a expansão da cidade de São Paulo. Porém, com a urbanização, a lagoa foi aterrada.

A princípio a população era composta de trabalhadores rurais vindos principalmente do Nordeste, chacareiros e posteriormente famílias que buscavam um local tranquilo para morar, fugindo assim do grande centro urbano.

O desenvolvimento e a transformação paisagística se deram graças às melhorias de infraestrutura e transportes na cidade, principalmente com a construção da Avenida do Cursino, Avenida Miguel Stéfano e a Rodovia dos Imigrantes que se integraram ao bairro. No passado, foi uma área limitada e carente de serviços básicos para os moradores, que em suas rotinas buscavam comércio e serviços essenciais em outros bairros.

Outro importante fato foi a construção do Jardim Botânico, fundado em 1928, pelo então secretário da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado, Dr. Fernando Costa, que designou para esse fim uma área na região das nascentes do Riacho do Ipiranga, local de muita importância histórica na cidade de São Paulo.

Em 1958, houve a inauguração do Jardim Zoológico, o que permitiu à cidade vivenciar a preservação e a visitação de várias espécies de animais e, assim, tornou a região bem conhecida na cidade.

Durante as décadas de 1960 e 1970, o bairro ainda era reconhecido por sua tranquilidade e por suas referências naturais em áreas verdes, mesmo com a instalação de indústrias na região.

Em 1978, outro importante espaço foi inaugurado como Recinto de Exposições da Água Funda, ou Centro de Exposições Imigrantes, o atual São Paulo Expo. A princípio abrigava uma feira de exposições agropecuárias e feiras de vários tipos, todas ligadas à Secretaria da Agricultura e Abastecimento da Cidade de São Paulo, com os eventos sendo realizados em seu estacionamento. Hoje os eventos são cobrados, e a prefeitura disponibiliza apenas o sistema PAESE, com condução gratuita para a população do metrô Jabaquara até o local.

Embora com a preservação da área verde, de seus recursos hídricos e a importância histórica, o bairro cresceu, assim como toda a cidade, e hoje não é mais considerado um bairro tranquilo.

## Referências

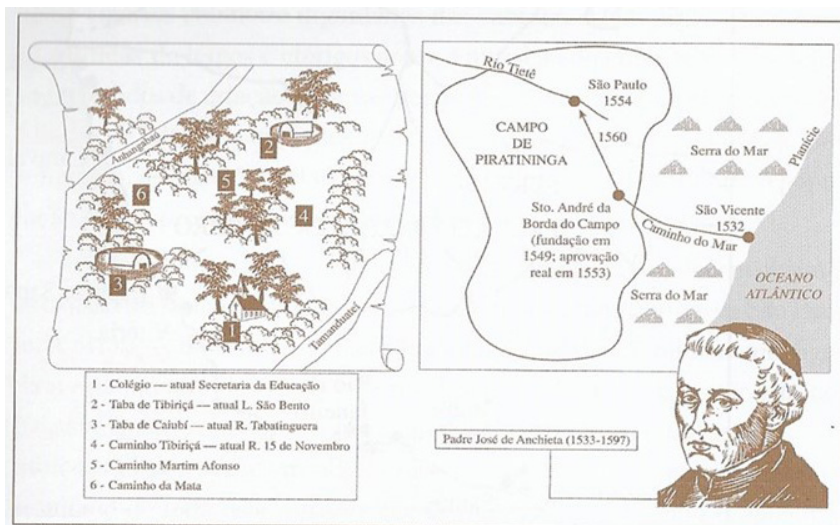
MBIGUCCI. *A História do bairro Água Funda*. São Bernardo do Campo, 18 abr. 2024. Disponível em: <https://mbigucci.com.br/a-historia-do-bairro-agua-funda/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

# São Paulo: diversidade e religiosidade

**Jonatas Pietro Rodrigues da Silva**

Quando se fala na fundação da vila de São Paulo, destaca-se um dos mais importantes capítulos da história do Brasil, marcada pela colonização portuguesa e pelo encontro de diferentes culturas. A vila surgiu, de acordo com os mais antigos registros existentes, em 25 de janeiro de 1554, quando os padres jesuítas Manuel da Nóbrega e José de Anchieta fundaram no alto do Planalto de Piratininga o colégio de São Paulo de Piratininga. O projeto inicial era catequizar os povos indígenas da região, criando um espaço de convívio, aprendizado e diálogo. Isso deu origem ao núcleo urbano que mais tarde evoluiu para a atual cidade paulista que conhecemos.

Figura 1: Origem de São Paulo.



Fonte: Souza, 2004.

Os jesuítas foram estratégicos na escolha da localização, visto que a região era situada em um ponto elevado distante das invasões do litoral e próxima a trilhas usadas pelos nativos. Caso ocorresse algum ataque, eles teriam um local para escapar. Além disso, a região oferecia condições para a agricultura. O povoamento ao redor do colégio surgiu a partir do contato de indígenas com europeus e mamelucos, constituindo com o passar dos anos um fator de importância econômica. Em 1558, o povoamento aumentou e transformou-se oficialmente na vila de São Paulo, passando a ter câmaras municipais e administração própria, o que contribuiu para tornar-se um ponto de apoio para as expedições ao interior e para a expansão territorial do Brasil através das bandeiras.

Com o tempo, São Paulo passou a ser não apenas um centro territorial, mas também um polo religioso e cultural. Dentro desse contexto, destaca-se o Mosteiro de São Bento, que desempenhou um papel fundamental na vida espiritual, educativa e econômica da região a partir do final do século XVI.

Os monges beneditinos, fiéis à sua cultura e tradição de disciplina e trabalho, ajudaram a organizar o espaço urbano, influenciando a arquitetura, a agricultura e a mão de obra. O mosteiro tornou-se um lugar que representava a crença e a expressão da fé, firmando-se como fortalecedor da identidade e cultura local.

A importância histórica da vila de São Paulo vai além da sua fundação. A presença das ordens religiosas, como os padres jesuítas e os monges beneditinos, foi fundamental na formação cultural e social do território. São Paulo não se tornou apenas a maior cidade do país ao longo dos séculos, mas também um lugar onde várias culturas e raízes, como as europeias, indígenas e africanas, misturaram-se, transformaram-se e compuseram uma rica variedade cultural. O mosteiro de São Bento persiste até hoje como um testemunho vivo da trajetória da cidade.

Figura 2: Visita cultural ao Pateo do Collegio.



Fonte: Arquivo da EE Profa. Martha Figueira Netto da Silva.

Desta maneira, compreender melhor a fundação e formação de São Paulo nos ajuda a conhecer o lugar onde vivemos: a cidade mais populosa do Brasil que carrega história, diversidade e espiritualidade.

## Referências

BRUNO, Ermani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*: v. I, arraial de sertanistas (1554-1828). 3.ed São Paulo: Hucitec, 1984.

INSTITUTO BIXIGA. *Patrimônio Histórico da São Paulo Colonial*: o Pátio do Colégio. [S.l.], 24 jan. 2021. Disponível em: <https://institutobixiga.com.br/patrimonio-historico-da-sao-paulo-colonial-o-patio-do-colegio/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

JESUÍTAS BRASIL. *Pateo do Collegio – 469 anos*: o lugar de nascimento da cidade de São Paulo. [S. l.], 25 jan. 2023. Disponível em: <https://jesuitasbrasil.org.br/pateo-do-collegio-469-anos-o-lugar-de-nascimento-da-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PATEO DO COLLEGIO. *Histórico – Biblioteca*. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.pateodocollegio.com.br/biblioteca-historico>. Acesso em: 8 dez. 2025.

SILVA, Fernando Santos da; PIQUEIRA, Maurício Tintori. Os municípios do estado de São Paulo. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro e ODALIA, Nilo (Org.). *História do Estado de São Paulo*: a formação da unidade paulista. São Paulo: Imprensa Oficial/Editora UNESP/Arquivo do Estado, 2010, v. 3, p. 9-66.

SOUZA, Ney de (Org.). *Catolicismo em São Paulo*. 450 anos da presença da Igreja Católica em São Paulo (1554 – 2004). São Paulo: Paulinas, 2004.

# Museu do Ipiranga – 130 anos

Isabelle Vitória da Silva

O Museu do Ipiranga, que é a sede do Museu Paulista, foi fundado em 7 de setembro de 1895, no bairro do Ipiranga, em São Paulo, e hoje é um dos mais importantes e antigos do país. Dom Pedro II entendeu que precisava de um local para comemorar e representar a Independência do Brasil, ocorrida em 1822, sendo assim uma figura crucial para o surgimento desse importante espaço sobre a nossa história.

Figura 1: Museu do Ipiranga.



Fonte: Alumni USP, 2019.

No início era só uma ideia, que veio a se concretizar muito tempo depois. Algumas fontes apontam que nas proximidades de onde o museu se encontra ocorreu o Grito do Ipiranga, apesar de não existir um consenso histórico sobre o local exato. Não à toa, a data de inauguração do museu é no mesmo dia da Independência, que foi proclamada por Dom Pedro I às margens do Riacho do Ipiranga.

A construção do imponente prédio ocorreu entre 1885 e 1890. O arquiteto italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844-1915) fez um trabalho esplêndido, aplaudido por muitos até hoje. O arquiteto se inspirou em palácios italianos do período renascentista e, até então, a cidade não contava com uma construção tão grandiosa como essa. A ideia, desde o início, foi fazer um monumento para celebrar todo o acontecimento. Existem inúmeros boatos de que Dom Pedro I tenha morado lá, mas são todos infundados, já que o museu foi inaugurado mais de 50 anos após a sua morte.

Apesar de marcar o local da Independência, no início o museu era focado em ciências naturais, como botânica e zoologia, mas, graças a Afonso d'Escragnolle Taunay (1876-1958), isso mudou. Afonso transformou o foco para a história do Brasil e história natural. Ele ficou por 29 anos no cargo de diretor do Museu do Ipiranga, sendo o mais importante da sua história. Afonso foi o responsável por aumentar o acervo do museu com documentos antigos, móveis, vestimentas, fotos, pinturas, esculturas e muito mais. Até hoje é uma figura lembrada por escolas e livros acadêmicos.

Afonso foi uma figura tão importante para o museu que há diversos livros retratando seu trabalho, tais como: *A imagem do paulista: o papel do Museu Paulista na construção da identidade paulista*; *A Epopeia Bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica*; *O Museu Paulista: Afonso de Taunay e a memória nacional* e muito mais. Também escreveu diversos livros, destacando-se no bandeirismo paulista e o período colonial.

Além de Afonso ter sido diretor do Museu Paulista, atuou como biógrafo, historiador, ensaísta, lexicógrafo, tradutor, romancista, heráldico e professor brasileiro. Foi ele que organizou o Salão Nobre com grandes pinturas como *Independência ou Morte*, de Pedro Américo, e várias outras telas que refletem o bandeirismo e fatos de São Paulo. Durante sua gestão no museu, em 1921, foi criado o Museu Republicano, em Itu, como uma extensão do Museu Paulista no interior do Estado, e também foi responsável pela criação de uma nova seção: de etnografia.

Figura 2: Afonso d'Escragnole Taunay.



Fonte: *Jornal da USP* (2022).

A Universidade de São Paulo (USP) é uma universidade pública que tem várias unidades espalhadas pelo Estado. É considerada a maior de todo o Brasil e conta com reconhecimento em diversos rankings mundiais. Em 1934, quando a USP foi criada, seus professores usavam muito o Museu Paulista como fonte de pesquisa. Por esse motivo, o local já aparecia como um tipo de instituto complementar desde a criação da universidade. Mas o Museu do Ipiranga só foi integrado à USP oficialmente em 1963.

A universidade administra diversos museus, como o Museu Paulista e o Museu de Arte Contemporânea (MAC). Para cumprir a função de complemento, a universidade faz eventos com exposições, cursos, visitas educativas e projetos culturais e, assim, oferece conhecimento à sociedade.

Com o passar dos anos, o Museu do Ipiranga apresentou problemas estruturais. E, assim, foi fechado ao público em 2013, uma vez que havia riscos de acidentes com os visitantes e funcionários. Sua infraestrutura estava danificada, com infiltrações, rachaduras, problemas na parte

elétrica e no telhado, até com risco de desabamento em algumas partes. A USP decidiu fechar o museu temporariamente, porque, além de proteger as pessoas, precisava preservar o acervo que conta com 450 mil itens.

Para sua proteção, o acervo foi retirado do local e devidamente guardado em três imóveis da universidade. Foram realizados vários estudos técnicos e financeiros para se planejar a reforma, que só foi iniciada em 2019. Segundo o relatório de gestão da USP, o valor foi de cerca de R\$ 210 milhões. Além de reformar a infraestrutura do museu, foi necessária uma modernização e, assim, fizeram uma ampliação, com mais espaço para entrada, bilheteria, ambiente educativo e café. Por ser uma construção tombada, há várias restrições ao se realizar uma obra de reforma, o que torna mais demorado o processo de estudos e análises.

A reforma durou três anos, encerrando-se em 2022. O museu foi propositalmente reaberto no dia do bicentenário da Independência – já que é um dos maiores símbolos da data. Após a reinauguração, passou a apresentar maneiras diferentes de mostrar seu acervo, além de oferecer acessibilidade às pessoas com deficiência. Atualmente, é aberto ao público de terça-feira a domingo, apresenta documentos, peças antigas e exposições sobre o país e o próprio local, e realiza diversos eventos educacionais para crianças. Também continua sendo muito utilizado para estudos e pesquisas. O Museu do Ipiranga, hoje aos 130 anos, não é só um prédio antigo, mas um lugar vivo sobre a memória e a história do Brasil.

## Referências

CASTRO, Vitor. *Conheça a campanha “Juntos pelo Museu do Ipiranga”*. Alumni USP, [S. l.], 23 jul. 2019. Disponível em: <https://alumni.usp.br/conheca-a-campanha-juntos-pelo-museu-do-ipuranga/>. Acesso em: 29 nov. 2025.

INTEGRADO à USP desde 1963, Museu do Ipiranga atende funções de ensino, pesquisa e extensão. *Jornal da USP*, São Paulo, 2 set. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/integrado-a-usp-desde-1963-museu-do-ipuranga-atende-funcoes-de-ensino-pesquisa-e-extensao/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

MUSEU DO IPIRANGA. *Para entender o Museu*. São Paulo: Museu do Ipiranga, 2024. 1 arquivo PDF. Disponível em: <https://museudoipuranga.org>.

br/wp-content/uploads/2024/09/para\_entender\_o\_museu.pdf. Acesso em: 22 nov. 2025.

PINHONI, Marina. EM SP, Museu do Ipiranga fechou há 5 anos para reforma por problemas de estrutura. **G1**, São Paulo, 3 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/09/03/em-sp-museu-do-ipiranga-fechou-ha-5-anos-para-reforma-por-problemas-de-estrutura.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2025.

REABERTURA do Museu Ipiranga gera alta expectativa no público. **Jornal do Campus**, São Paulo, 26 maio 2022. Disponível em: [www.jornaldocampus.usp.br](http://www.jornaldocampus.usp.br). Acesso em: 11 dez. 2025.

# Museu da Imigração do estado de São Paulo: histórias e sentimentos

**Bruna Caroline Pedro da Silva**

Antigamente, o local funcionava como abrigo dos imigrantes que chegavam de uma exaustiva viagem pelo mar, vindos de mais de 70 países. A hospedaria oferecia o primeiro acolhimento: um prato de comida, um lugar para dormir e a ajuda para encontrar um trabalho.

Figura 1: *Immigrants on an Atlantic Liner.*



Fonte: Santuário Santa Paulina, 2020.

*Este lugar foi inaugurado em 1887 como Hospedaria de Imigrantes do Brás. Com as leis de abolição da escravatura no Brasil, a imigração passou a ser uma saída para suprir a falta de mão de obra no país. Nessa época, a Europa vivia um duro período de fome e miséria, assim as pessoas buscavam uma vida melhor fora de seus países. Muitos desembarcaram em São Paulo, um estado que era grande produtor de café e um promissor polo industrial.*

*A Hospedaria encerrou suas atividades em 1978, tendo abrigado cerca de 2,5 milhões de pessoas durante seus 91 anos de funcionamento. O prédio teve seu tombamento, em 1982, pelo Condephaat. Já em 1986 foi criado o Centro Histórico do Imigrante. O Museu da Imigração foi criado em 1993, mudou de nome para Memorial do Imigrante em 1993 e, finalmente, foi renomeado como Museu da Imigração do Estado de São Paulo em 2011.*

*Sua missão é preservar a história das pessoas que chegaram ao Brasil por meio da Hospedaria de Imigrantes do Brás, além do relacionamento construído com as comunidades daqui. “Ao valorizar o encontro de múltiplas histórias e origens, propomos ao público o contato com as lembranças daquelas pessoas que vieram de terras distantes, suas condições de viagem, adaptação aos novos trabalhos e contribuição para a formação do que hoje chamamos de identidade paulista”, afirma o texto de apresentação do Museu em seu site ([museudaimigracao.org.br](http://museudaimigracao.org.br), s/d).*

## Minha ida ao Museu

Minha visita ao Museu da Imigração ocorreu no dia 29 de julho de 2025. Eu e minha amiga fomos em busca de conhecer como era a chegada e a rotina de nossos antepassados. Acabamos por refletir como somos sortudas de não termos passado por um sofrimento igual ao deles, que consistia em abandonar tudo o que tinham, às vezes até a família e amigos, na esperança de ter uma vida melhor.

Eu me esforcei para imaginar como deve ter sido a emoção de chegar ali. De um lado, o medo e o cansaço por ter deixado tudo para trás e, de outro, uma enorme esperança de que a vida no Brasil iria ser melhor e cheia de oportunidades. É essa mistura de sentimentos que faz o museu ser tão especial. Caminhar por aqueles corredores me fez, de alguma forma, reviver esse sentimento tão emocionante.

Figura 2: Museu da Imigração.



Fonte: Guia SP 24h, 2022.

Mas o que eu não sabia é que não seria só uma visita, e sim uma descoberta das minhas origens. No Museu, encontrei um registro da minha bisavó, que veio da Itália com os parentes em busca de uma nova vida.

Confesso que foi um choque. Essa descoberta naquele lugar me fez pensar em tudo o que ela passou lá. Pude sentir as saudades e as alegrias dela e, o pior, o medo de tudo dar errado e não estar em seu país de origem, estar perdida em um país diferente. Depois dessas sensações minha visão mudou totalmente, me fazendo ser mais grata por minha vida e não reclamar por coisas bobas.

## Minha conclusão

O Museu da Imigração me fez ver que a minha vida e a minha cidade são o resultado direto da coragem de pessoas como a minha bisavó que, há mais de um século, arriscaram tudo em busca de um futuro melhor. E deixo uma mensagem de agradecimento a todos e principalmente a ela, porque se não tivesse sido corajosa como foi, minha vida poderia ser totalmente diferente.

## Referências

EVENTOS do Museu da Imigração abordam genealogia, literatura e autobiografia. *Guia SP 24h*, [S. l.], 5 abr. 2022. Disponível em: <https://www.guiasp24h.com.br/eventos-do-museu-da-imigracao-abordam-genealogia-literatura-e-autobiografia/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *História*. São Paulo. [s/d.] disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/sobre-o-mi/historia>. Acesso em: 28 nov. 2025.

PESQUISA Italiana. [S. l.], [s/d.]. Disponível em: <https://pesquisaitaliana.com.br/>. Acesso em: 5 dez. 2025.

SANTA Paulina e a vida de seu povo: 145 anos de vinda para o Brasil. *Santuário Santa Paulina*, Nova Trento, 16 dez. 2020. Disponível em: <https://santuariosantapaulina.org.br/santa-paulina-e-a-vida-de-seu-povo-145-anos-de-vinda-para-o-brasil/>. Acesso em: 6 dez. 2025.

# Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: guardião da memória paulista

**Maria Cândida Santos da Silva**

A memória é um elemento fundamental para a construção da identidade de uma sociedade. Com ela, conseguimos entender melhor nossas origens, aprendemos a valorizar nossa cultura e a pensar sobre o caminho que queremos trilhar para o futuro. A memória não é algo que se limita, ela vai além do que conseguimos descrever, mas também está presente em registros, documentos e experiências vividas ao longo da vida. Em São Paulo, um dos principais espaços responsáveis por preservar e divulgar memórias é o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), uma organização que atua como guardiã da história paulista.

Fundado em 1894, o Instituto surgiu em um contexto de grandes transformações políticas, sociais e econômicas. O Estado passava por mudanças importantes, como o crescimento urbano pela imigração e o fortalecimento da economia. Em meio a este cenário, foi de suma importância e necessidade a criação de uma organização capaz de registrar, estudar e preservar a história e a geografia paulista. A partir de então, o IHGSP passou a reunir documentos, mapas, manuscritos, livros e pesquisas que ajudam a entender e organizar o passado de São Paulo.

O Instituto não se dedica apenas à preservação de grandes eventos históricos ou figuras de destaque. Também valoriza os acontecimentos locais, registros habituais e o trajeto de pessoas comuns que contribuíram para a formação geral de São Paulo. Unindo todos esses materiais, o IHGSP garante que histórias que poderiam ser esquecidas continuem existindo e sendo transmitidas de geração em geração, tornando-se memória coletiva e trazendo o sentimento de pertencimento à sociedade.

Outro fator de relevância é seu vasto acervo documental. Entre os materiais preservados estão manuscritos do período colonial, correspondências oficiais, registros administrativos e documentos relacionados à formação territorial do Estado. Os arquivos permitem compreender como São Paulo foi sendo estruturado ao longo dos anos, desde os primeiros povos até os grandes centros urbanos. Este acervo é um patrimônio histórico de valor incalculável, que é pouco conhecido pela população em geral.

O IHGSP também possui uma importante atuação na área da cartografia histórica. Abriga mapas antigos, plantas urbanas e cartas geográficas que mostram a transformação de São Paulo. Os documentos ajudam a compreender como ocorreu a ocupação territorial, como surgiram os bairros, cidades e quais foram os impactos do crescimento urbano no meio ambiente. Este material é de suma importância para reflexões sobre problemas atuais enfrentados pelas cidades.

Aliado a esse vasto patrimônio documental, o IHGSP também desempenha um papel importante na produção do conhecimento, por meio de pesquisas, palestras, publicações e encontros acadêmicos, sendo um grande incentivador do debate histórico e geográfico. Professores, pesquisadores e alunos utilizam seu acervo para aprofundar estudos e construir novas interpretações sobre a história paulista. Contribui, assim, para uma compreensão mais crítica do presente.

Um dos seus núcleos mais significativos é referente a Revolução Constitucionalista de 1932. O Instituto preserva documentos, objetos e registros relacionados a esse marcante momento da história paulista, permitindo compreender os valores defendidos naquele período, como cidadania, democracia e participação social.

Apesar de sua importância, o IHGSP ainda é pouco conhecido fora do meio acadêmico. Isso revela a necessidade de maior valorização por parte da sociedade e do poder público. Valorizar essa instituição significa reconhecer a importância da memória histórica para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e participativos.

Atualmente, o Instituto contribui diretamente para a educação, apoiando pesquisas e fortalecendo a identidade cultural paulista, ao

conectar passado, presente e futuro, transformando documentos e pesquisas em memória coletiva. Valorizar a instituição é valorizar a própria história de São Paulo e compreender que conhecer o passado é essencial para construir um futuro mais consciente e justo.

## Referências

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. *Conheça o IHGSP*. São Paulo, [2024?]. Disponível em: <http://ihgsp.org.br/o-instituto/conheca-o-ihgsp/>. Acesso em: 8 fev. 2026.

INSTITUTO Histórico e Geográfico de São Paulo. In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto\\_Hist%C3%B3rico\\_e\\_Geogr%C3%A1fico\\_de\\_S%C3%A3o\\_Paulo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Hist%C3%B3rico_e_Geogr%C3%A1fico_de_S%C3%A3o_Paulo). Acesso em: 19 dez. 2025.

MARCOLIN, Neldson. Centenário e revigorado. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 198, ago. 2012. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/centenario-e-revigorado/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

MEDICI, Ademir. Exclusivo: o IHGSP e o Grande ABC e o DNA de cinco cidades: o Instituto presente, referendando a formação regional. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 23 ago. 2025. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/4272686/exclusivo-o-ihgsp-e-o-grande-abc-e-o-dna-de-cinco-cidades-o-instituto-presente-referendando-a-formacao-regional>. Acesso em: 3 dez. 2025.

WERNECK, Natasha. Diário ganha medalha por divulgação da história e preservação da memória. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 22 mar. 2025. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/4211857/diario-ganha-medalha-por-divulgacao-da-historia-e-preservacao-da-memoria>. Acesso em: 21 nov. 2025.

# A importância do Instituto Butantan

Mariana Paleari Drigo

O Instituto Butantan destaca-se como uma das mais relevantes instituições científicas do Brasil e do cenário internacional, desempenhando funções fundamentais na pesquisa biomédica, na produção de soros e vacinas e na promoção da saúde pública. Sua trajetória institucional, construída ao longo de desafios, descobertas e inovações, está diretamente vinculada à atuação de importantes cientistas, especialmente do médico Vital Brazil Mineiro da Campanha (1865-1950), cuja contribuição foi determinante para a consolidação da ciência brasileira no início do século XX.

Em 1901, foi instalado, na Fazenda Butantan (zona oeste de São Paulo), um laboratório para produção de soro antipestoso que foi reconhecido como uma instituição autônoma. Esse laboratório foi criado após um surto de peste bubônica que vinha se propagando no Porto de Santos. Seu primeiro diretor foi Vital Brazil.

Vital Brazil foi um dos cientistas mais importantes da história do Brasil, conhecido principalmente por sua dedicação em salvar vidas. Ele foi médico, pesquisador e o responsável por desenvolver os primeiros soros antiofídicos eficazes contra picadas de serpentes, como jararacas, cascavéis e corais. Seu trabalho revolucionou o tratamento desses acidentes e mudou completamente a forma como o mundo lidava com venenos de animais.

Com sua dedicação à saúde, Vital Brazil tornou o Instituto Butantan reconhecido mundialmente. Graças ao seu trabalho, o Instituto desenvolveu diversos estudos que revolucionaram a ciência e contribuíram enormemente para a proteção da vida.

O Butantan foi ampliando suas áreas de atuação e pesquisa e, hoje em dia, é o maior produtor de soros e vacinas da América Latina. Entre os inúmeros projetos desenvolvidos pelo Instituto Butantan, um dos que mais ganharam destaque nos últimos anos é a pesquisa e produção da vacina contra a dengue.

## O Instituto Butantan e o avanço da vacina contra a dengue

Em 2010 o Brasil vivia uma epidemia de dengue, com quase 1 milhão de casos da doença. Transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, representa um grande desafio para a saúde pública brasileira, causando epidemias frequentes e milhares de internações todos os anos. Foi quando o Instituto começou a desenvolver a vacina

O Instituto Butantan investe há mais de dez anos no desenvolvimento de uma vacina própria contra a dengue, chamada Butantan-DV, produzida a partir de vírus atenuados. Essa abordagem utiliza uma versão enfraquecida do vírus, incapaz de provocar a doença, mas suficiente para estimular o organismo a gerar proteção de longa duração. Ao longo desse período, o Instituto conduziu várias fases de estudos clínicos, contando com a participação de milhares de voluntários em diferentes regiões do país, o que possibilitou avaliar de forma ampla a segurança e a eficácia da vacina.

A recente aprovação, pela Anvisa, da vacina nacional contra a dengue desenvolvida pelo Instituto Butantan representa um passo decisivo para o fortalecimento da saúde pública no país. O imunizante, indicado para pessoas de 12 a 59 anos e previsto para começar a ser aplicado pelo SUS em 2026, destaca-se por ser de dose única, o que torna as campanhas de vacinação mais simples e acessíveis. Os estudos apresentaram resultados muito positivos, demonstrando elevada proteção tanto contra os casos leves quanto contra as formas graves da doença.

O avanço dessa pesquisa reforça mais uma vez a importância do Instituto Butantan como um centro de inovação científica no país. Em um cenário de aumento de casos e de mudanças climáticas que favorecem a proliferação do mosquito, ter uma vacina brasileira, de tecnologia nacional, representa autonomia, segurança e esperança para milhões de pessoas.

## O Instituto Butantan durante a pandemia de Covid-19

A atuação do Instituto Butantan durante a pandemia de Covid-19 marcou um dos capítulos mais importantes de sua história recente. Em um momento de emergência global, em que a ciência e a cooperação internacional se tornaram fundamentais para salvar vidas, o Butantan assumiu um papel de destaque, contribuindo diretamente para o controle da doença tanto no Brasil quanto em outros países da América Latina. Sua participação foi decisiva não apenas na produção de vacinas, mas também na articulação de estratégias que permitiram acelerar o enfrentamento da crise sanitária.

Desde o início da pandemia, o Instituto Butantan firmou parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac para produzir e distribuir a CoronaVac, uma vacina de vírus inativado, tecnologia reconhecida por sua segurança, estabilidade e eficácia, especialmente para grupos mais vulneráveis. Com esse trabalho, o Butantan tornou-se o primeiro fornecedor de vacina contra a Covid-19 na América Latina, reconhecimento destacado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Essa conquista garantiu que milhões de pessoas recebessem imunização em um momento crítico, quando o acesso a vacinas ainda era limitado em grande parte do mundo.

De acordo com a OPAS, a CoronaVac teve impacto significativo na contenção da pandemia no continente, especialmente por sua ampla disponibilidade. Além do Brasil, o imunizante foi distribuído para diversos países latino-americanos, como Chile, Uruguai, Equador, Paraguai, México, República Dominicana e Colômbia. Mundialmente, ultrapassou a marca de três bilhões de doses aplicadas, evidenciando seu alcance e relevância global.

A contribuição do Butantan durante a pandemia não se limitou ao fornecimento de vacinas. O Instituto também se envolveu em ações de vigilância epidemiológica, pesquisas científicas sobre variantes do vírus, produção de insumos essenciais e disseminação de informações confiáveis para a sociedade. Sua atuação integrada, eficiente e transparente reforçou a importância de se investir continuamente em ciência e em instituições

públicas de pesquisa, que são fundamentais para responder de forma rápida a crises sanitárias.

Assim, o papel desempenhado pelo Instituto Butantan durante a pandemia de Covid-19 consolidou ainda mais sua imagem como referência em saúde, ciência e inovação. Seu trabalho não apenas salvou vidas, mas também demonstrou a capacidade e a autonomia do Brasil em desenvolver soluções de alto impacto para desafios globais, reafirmando a relevância do Instituto para o presente e para o futuro da saúde pública.

Além de sua atuação científica, o Butantan também se destaca em ações educativas e culturais. Seu complexo abriga museus, como o Museu Biológico e o Museu Histórico, que recebem milhares de visitantes e desempenham um papel importante na divulgação científica. Também mantém serpentários, laboratórios e áreas de preservação que contribuem para o estudo da fauna brasileira e para a conscientização ambiental.

Entre suas iniciativas educativas, o projeto *Mão na Cobra e outros bichos* se destaca por permitir que crianças, adolescentes e visitantes interajam diretamente com serpentes e outros animais peçonhentos sob orientação de profissionais capacitados. Esse projeto busca desmistificar o medo desses animais, promovendo conhecimento e respeito à fauna brasileira, além de estimular o interesse pela ciência e pelas carreiras em biologia e saúde pública. Outros programas do Butantan, voltados para educação ambiental e preservação de espécies, complementam essa missão, reforçando o papel do Instituto não apenas como centro de pesquisa, mas também como espaço de formação, cultura e conscientização ambiental.

## Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. *Ministério da Saúde define estratégia de imunização contra a dengue com nova vacina do Butantan*. Brasília, DF, 17 dez. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2025/dezembro/ministerio-da-saude-define-estrategia-de-imunizacao-contr-a-dengue-com-nova-vacina-do-butantan>. Acesso em: 8 fev. 2026.

COM CoronaVac, Butantan ajudou a controlar a pandemia na América Latina, diz representante da OPAS no Brasil. *Instituto Butantan*, São Paulo, 26 set. 2023. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/com-coronavac->

butantan-ajudou-a-controlar-a-pandemia-na-america-latina-diz-representante-da-opas-no-brasil. Acesso em: 11 nov. 2025.

INSTITUTO BUTANTAN. Mão na cobra e outros bichos. Parque da Ciência Butantan, São Paulo. Disponível em: <https://parquedaciencia.butantan.gov.br/agendamento/mao-na-cobra-e-outros-bichos>. Acesso em: 8 dez. 2025.

INSTITUTO BUTANTAN. **Mulheres da Dengue**: elas se destacam no desenvolvimento, produção, qualidade e estratégias de distribuição da vacina do Butantan. São Paulo, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/mulheres-da-dengue-elas-se-destacam-no-desenvolvimento-producao-qualidade-e-estrategias-de-distribuicao-da-vacina-do-butantan>. Acesso em: 29 nov. 2025.

RIBEIRO, Fernanda. Instituto Butantan: saiba como surgiu, curiosidades e importância do maior produtor de vacinas e soros da América Latina. **G1**, São Carlos, 26 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2023/07/26/instituto-butantan-saiba-como-surgiu-curiosidades-e-importancia-do-maior-produtor-de-vacinas-e-soros-da-america-latina.ghml>. Acesso em: 16 dez. 2025.

# Biblioteca Paul Harris e suas contribuições

**Gabriele Piccinin**

As bibliotecas públicas possuem um papel essencial na sociedade, indo muito além do armazenamento de livros. Facilitam o acesso à informação, ao conhecimento e à cultura, incentivando a leitura e o aprendizado contínuo. Ou seja, essas instituições contribuem diretamente para a formação crítica do cidadão. Conforme o tempo foi passando, essas bibliotecas foram tendo que se adaptar às necessidades da população e às transformações sociais e tecnológicas. Dessa forma, a Biblioteca Municipal Paul Harris, localizada em São Caetano do Sul, na região metropolitana de São Paulo, é considerada uma instituição de grande relevância para o município e região. Sendo a primeira biblioteca pública da cidade, é considerada uma referência cultural local. Desde a sua inauguração, a biblioteca passou por diversas transformações e foi ampliando suas contribuições para a comunidade local.

Figura 1: Biblioteca Paul Harris.

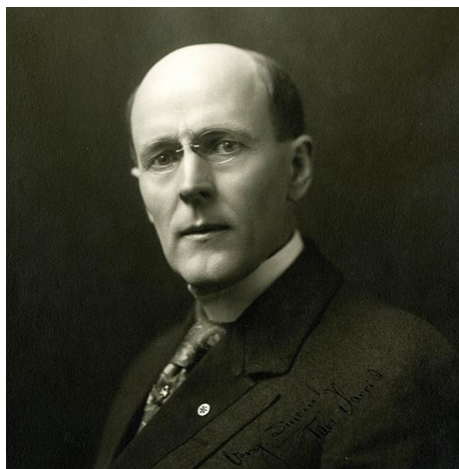


Fonte: São Caetano Digital, 2022.

A Biblioteca Paul Harris foi criada por lei em 20 de novembro de 1953 e inaugurada apenas em julho do ano seguinte, marcando assim um momento de grande importância para a sociedade. Inicialmente, a biblioteca funcionou no espaço Vitória. Com o crescimento da cidade, foi necessária uma reorganização e, em abril de 2002, mudou-se para a Avenida Doutor Augusto de Toledo, onde se estabeleceu em um local mais amplo que atenderia a todo o público. Em maio de 2022, após reforma e modernização, mudou-se para um novo espaço dentro da Secretaria Municipal de Educação, na Avenida Goiás, reforçando assim a sua importância no ensino e formação cidadã.

Seu nome é uma homenagem a Paul Harris, advogado estadunidense e fundador do Rotary International. Paul Harris era diretamente ligado à educação, à cultura e ao serviço à comunidade, defendia o lema de que "O conhecimento transforma sociedades". Ao criar uma rede mundial de voluntários que utilizam sua liderança e experiência para resolver problemas sociais, seu legado se interligou diretamente com a missão de uma biblioteca pública: promover o saber, a cultura e a cidadania.

Figura 2: Paul Harris, fundador da Rotary International.



Fonte: Rotary, s/d.

Após sua última modernização, a biblioteca de São Caetano do Sul foi considerada pioneira na inclusão digital, pois além de livros físicos, agora o espaço oferece também Chromebooks, de uso interno, para aqueles que

precisam estudar, trabalhar, acessar livros digitais ou apenas de acesso à internet. Além disso, houve investimentos em acessibilidade: atualmente a biblioteca conta com uma estante de livros em braille, para as pessoas com deficiência visual de baixa visão até as que possuem cegueira total.

Figura 3: Estante de livros em Braille.



Fonte: Da autora.

Por ser um local de serviço 100% gratuito, a Biblioteca Paul Harris conta com diversos meios de se aproximar cada vez mais da comunidade local. Realiza um rodízio de livros por meio de uma estante em que as pessoas doam exemplares e levam outros para casa, assim sempre há títulos novos para despertar a curiosidade dos visitantes. Além disso, ao longo do ano, realiza diversos eventos, tais como o Sábado Literário (com lançamento coletivo de autores locais), saraus, biblioteca humana, atividades para as crianças, encontro com escritores e ações com a Academia Popular de Letras. No fim de ano, há também uma estante dedicada especialmente ao Natal, onde é possível encontrar livros para diversas idades sobre essa época tão linda e significativa.

Figura 4: Espaço da biblioteca.



Fonte: São Caetano Digital, 2022.

A biblioteca conta com dois espaços, interligados por uma rampa. No primeiro espaço é possível encontrar um local reservado ao setor infantil, com cadeiras, mesas e livros para os pequeninos. Há também uma área dedicada ao público de todas as idades. Os livros que lá estão são voltados para lazer, oferecendo ficção, literatura infantojuvenil e best-sellers. Já o segundo espaço é dedicado a livros para estudos e pesquisas, contendo também os exemplares em braile.

Figura 5: Espaço infantil da biblioteca.



Fonte: Da autora.

Conforme a necessidade e o interesse da comunidade vão se modificando, as atividades e as edições oferecidas pela biblioteca também vão se inovando, buscando sempre o bem-estar e a proporcionar coisas novas para aqueles que por lá passam. A bibliotecária Ana Maria Guimarães Rocha informou que há um levantamento para observar aquilo que o público mais tem buscado e aquilo que não tem gerado tanto interesse, para que assim possam sempre disponibilizar livros novos e eventos para determinados públicos. A proposta da biblioteca é atrair cada vez mais pessoas para o local e assim fazer a diferença na sociedade, pois como Paul Harris defendia "O conhecimento transforma sociedades".

Figura 6: Doação de mangás após um evento na biblioteca.



Fonte: Projeto Ohara, 2023.

A Biblioteca Paul Harris é uma importante referência histórica, cultural e educacional de São Caetano do Sul. Desde a sua inauguração em 1954 até os tempos atuais, tem feito grandes contribuições à sociedade. Sempre se destacando em suas inovações e colocando as necessidades da população em primeiro lugar, promovendo eventos, acessibilidade, livros novos e tecnologia.

## Referências

BIBLIOTECA Municipal Paul Harris é modernizada e ganha novo espaço. *São Caetano Digital*, São Caetano do Sul, 24 mar. 2024. Disponível em: <https://www.saocaetanodigital.com.br/biblioteca-municipal-paul-harris-e-modernizada-e-ganha-novo-espaco/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

PROJETO OHARA. Quem somos. [S. l.], [2026?]. Disponível em: <https://projetoohara.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

ROTARY INTERNATIONAL. *Paul Harris*. Evanston, [2026?]. Disponível em: <https://www.rotary.org/pt/about-rotary/history/paul-harris>. Acesso em: 11 dez. 2025.

SÃO CAETANO DO SUL. Secretaria de Educação. *Prefeitura inaugura Biblioteca Municipal Paul Harris modernizada e em novo espaço*. São Caetano do Sul, 25 mar. 2024. Disponível em: [https://educacao.saocaetanodosul.sp.gov.br/index.php/web/noticias\\_web/ler/prefeitura-inaugura-biblioteca-municipal-paul-harris-modernizada-e-em-novo-espaco](https://educacao.saocaetanodosul.sp.gov.br/index.php/web/noticias_web/ler/prefeitura-inaugura-biblioteca-municipal-paul-harris-modernizada-e-em-novo-espaco). Acesso em: 14 dez. 2025.

# A metalúrgica Aliperti – um marco na revolução siderúrgica no bairro da Água Funda

Lucas da Silva Gonçalves

Nosso bairro, a Água Funda, tem muitos pontos considerados importantes para o desenvolvimento da região da Saúde, na cidade de São Paulo, mesmo antes de seu loteamento. Um deles que me chamou atenção foi a história da Metalúrgica Aliperti.

Nascida em 1924, com o nome de Fundação da Oficina J.L. Aliperti Irmãos & Cia Ltda., que ficava no Brás e consertava carroças, mudou-se para o bairro da Água Funda em 1932, para produzir aço.

Em 1942, o país estava dependendo do aço para expansão de suas indústrias e construção civil. Com o setor incentivado pelo então presidente Getúlio Vargas, essa empresa se tornou destaque em siderurgia. Construiu, então, um forno para produção de mil e quinhentas toneladas por mês.

Isso atraiu muitos trabalhadores para a região e contribuiu para o crescimento e desenvolvimento industrial de São Paulo, entre as décadas de 1940 e 1950. Os próprios metais utilizados para a construção dessa fábrica foram fundidos lá. Para a época, foi considerada de alta tecnologia, inclusive reciclando ferro velho e processando manganês, calcário e dolomita.

Entre 1960 e 1970, a fábrica teve mais uma modernização e, em 1980, foi considerada líder no ramo. Documentos históricos, como jornais, relatam também que ela foi um centro de movimentos sindicais de trabalhadores que reivindicavam melhores condições de trabalho.

Sobre isso há muitos documentos sindicais, com relatos de um ex-funcionário, sobre o período da ditadura. Contavam sobre a perseguição política da época e registravam pedidos de mais segurança no trabalho, por causa de mortes e falta de equipamentos de segurança. Esses registros foram feitos pela Comissão da Verdade da Alesp (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo), em 2015, décadas depois do término da ditadura.

A tecnologia dessa metalúrgica para a época era fantástica, mas em contraponto há também muitos relatos de moradores, encontrados no Facebook, que se recordam da fuligem da chaminé que impregnava roupas no varal e adoecia a população, por causar muitos problemas respiratórios pela emissão dos gases da fundição. Informação presente inclusive em depoimentos antigos do ex-padre Raimundo Perillat, da Igreja Santo Afonso.

A metalúrgica foi multada pela CETESB mais de uma vez. No *Jornal da Vila*, ano 1, n. 1, de 1978, há uma reportagem que explica sobre como essas multas eram insignificantes e não resolviam o problema da poluição no bairro. Em 1982, a Aliperti foi multada, novamente, pela CETESB, por não obedecer à "Operação Inverno", que exigia o uso de óleo tipo BTE (de baixo teor de enxofre) para reduzir a poluição. O valor da multa na época era superior a 1 milhão e 300 mil cruzeiros. Outros relatos estão no jornal *Nossa Luta*, Órgão das Lutas Populares, RE Ipiranga, São Paulo, ano 2, n. 8, agosto de 1982, editado pela comissão sindical e de circulação interna.

Apesar de todas as informações contidas nos depoimentos e jornais, a Aliperti foi se desenvolvendo conforme a industrialização brasileira crescia e pôde contribuir para a construção civil e outras indústrias, fornecendo os produtos essenciais na área da metalurgia.

No ano de 1998, ela arrendou seu parque industrial para a Gerdau, um dos maiores grupos siderúrgicos do mundo. Isso mostra seu nível de importância e a dimensão de suas instalações. Após isso, tentou retornar ao setor de manufatura. Adquiriu os direitos para produzir molas helicoidais e, então, iniciou a operação de uma nova fábrica em Sorocaba, interior de São Paulo.

Em 2016, a Aliperti encerrou as atividades na fábrica de Sorocaba. Com isso, começaram a focar na participação em outras companhias e na gestão de bens próprios. A principal fonte de renda passou a ser a Agroeldorado Agricultura e Pecuária Ltda., com foco em atividades agropecuárias.

Recentemente, em abril de 2025, a empresa antes chamada de Siderúrgica J. L. Aliperti S.A. mudou seu nome para Aliperti S.A., removendo de seu objeto social as atividades de siderurgia e metalurgia.

A Metalúrgica Aliperti teve um impacto significativo no bairro da Água Funda, subdistrito do Ipiranga. Essa empresa trouxe muitas oportunidades de emprego para diversos moradores locais, impulsionando a economia. A metalúrgica, por sua vez, também foi uma causadora de poluição, segundo relatos de moradores e ex-moradores da região. A emissão de poluentes e a contaminação do solo também foram pontos negativos trazidos pela Aliperti. A metalúrgica ainda foi palco de diversos conflitos trabalhistas, onde a repressão aos trabalhadores foi uma questão significativa. Isso gerou um clima ruim na comunidade, evidenciando as lutas por direitos e melhores condições de trabalho. De forma geral, a Metalúrgica Aliperti faz parte da história do bairro, ajudando na identidade local e na memória de todos os moradores.

## Referências

ALIPERTI. *Sobre nós*. [S. l.]. Disponível em: <https://aliperti.com.br/#sobre-nos>. Acesso em: 11 nov. 2025.

SINOPSE histórica: a siderurgia brasileira que surge (1942). [S. l.: s. n.], 14 ago. 2024. *Facebook*: Saudosa Sampa. Disponível em: [www.facebook.com](http://www.facebook.com). Acesso em: 27 nov. 2025.

# 1924 – A revolução esquecida de São Paulo

Ana Vitória Barreto Mendes

Em 5 de julho de 1924, começou em São Paulo uma das revoluções mais violentas da cidade, conhecida entre os historiadores como Revolta Esquecida, considerada uma das revoltas mais sangrentas da história da cidade. O movimento foi liderado por militares insatisfeitos com o domínio das oligarquias e a corrupção no governo federal sob a presidência de Artur Bernardes.

Inspirados pela Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, ocorrida dois anos antes, os revoltosos tinham como objetivos o combate à corrupção, a convocação de uma Assembleia Constituinte, o fim do poder oligárquico, a implantação do voto secreto e uma maior democratização do sistema político brasileiro. Diversos levantes eclodiram simultaneamente em diferentes regiões do país, porém a maioria foi rapidamente reprimida pelas forças governistas.

Porém, em São Paulo, a situação foi diferente, cerca de 2.600 soldados rebelados ocuparam prédios públicos, quartéis e pontos estratégicos da cidade. Tropas federais saíram do Rio de Janeiro para conter o movimento em São Paulo, mas uma parte desses soldados acabou desertando e se unindo aos revoltosos, fortalecendo ainda mais a insurreição.

No dia 8 de julho, os rebeldes enviaram um emissário ao Palácio do Governo com o objetivo de negociar a rendição em troca de anistia. Entretanto, descobriram que o então presidente do estado de São Paulo – cargo equivalente ao de governador na época – havia fugido durante a madrugada, fato que permitiu a tomada do poder pelos revolucionários e permitiu que estes mantivessem o controle da cidade por alguns dias.

Diante da resistência prolongada, em 9 de julho, o governo federal decidiu aumentar a repressão e mandou aviões bombardearem a cidade.

Eles partiram de bases do Rio de Janeiro e passaram a bombardear a cidade de São Paulo, atingindo principalmente bairros operários, como Mooca, Ipiranga e Brás. Os ataques aéreos provocaram destruição em massa e um grande número de mortes de civis, o que deixava clara a força utilizada para garantir o fim da revolta no Estado.

Estima-se que cerca de 700 pessoas tenham morrido, entre civis e militares, e aproximadamente 300 mil habitantes tenham sido obrigados a abandonar suas casas. Durante os 23 dias de revolta, a cidade viveu sob clima de guerra, com combates constantes no meio das ruas, escassez de alimentos, um inverno particularmente rigoroso e sucessivos bombardeios realizados pelas forças federais.

Em 24 de novembro, após dias de cerco à cidade pelas tropas federalistas, os revoltosos abandonaram a cidade e fugiram para o interior e para o sul, depois os revoltosos de São Paulo tiveram grande participação na Coluna Prestes.

Embora a revolução tenha sido considerada uma derrota militar, a Revolta Esquecida teve grande impacto político e social, contribuindo para o fortalecimento do movimento tenentista e aprofundando as críticas ao sistema oligárquico vigente. Esses acontecimentos ajudaram a pavimentar o caminho para transformações políticas posteriores, culminando na Revolução de 1930 e no fim da Primeira República.

## Referências

1924: o maior bombardeio da história de São Paulo. [S. l.]: *Brasil Paralelo*, 12 jul. 2024. 1 vídeo (10 min 23 s). Disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Acesso em: 3 dez. 2025.

HIGA, Carlos César. *Revolta Paulista de 1924*. Brasil Escola, [S. l.], [2026?]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/revolta-paulista-1924.htm>. Acesso em: 23 nov. 2025.

O DIA em que SÃO PAULO foi BOMBARDEADA | HISTORY. [S. l.]: *History Brasil*, 19 jun. 2024. 1 vídeo (7 min 54 s). Disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Acesso em: 8 fev. 2026.

O MAIOR bombardeio da HISTÓRIA de São Paulo (O que aconteceu em 1924?). [S. l.]: *Aviões e Músicas*, 9 jul. 2024. 1 vídeo (15 min 21 s). Disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Acesso em: 8 fev. 2026.

POUCO conhecida em SP, Revolta de 1924 faz 95 anos. **G1**, São Paulo, 28 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/07/28/pouco-conhecida-em-sp-revolta-de-1924-faz-95-anos.ghtml>. Acesso em: 8 fev. 2026.

SILVA, Daniel Neves. *Revolta Paulista de 1924*. Mundo Educação, [S. l.], [2024?]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/revolta-paulista-de-1924.htm>. Acesso em: 16 dez. 2025.

# Sobre os organizadores

**Fernando Santos da Silva** é historiador com doutorado e mestrado em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Com sólida formação acadêmica, é graduado em História, Geografia e Pedagogia, além de especialista em Docência no Ensino Superior. Sua produção bibliográfica é extensa, destacando-se as obras: *Interdisciplinaridade na Formação Acadêmica* (2024), *Manipulando Almas: a construção do imaginário paulista na Primeira República* (2ª ed., 2024) e *Maria Antônia: um retrato além da moldura* (2019). Como organizador, coordenou títulos como: *Fronteiras entre História e outras Ciências Humanas* (2025), *Perspectivas Histórico-Literárias: reflexões, convergências e possibilidades* (2024), *Trilhando Horizontes: as relações entre Educação e Sociedade* (2021), *Tecituras Interdisciplinares: Diálogos entre Educação, Arte e História da Cultura* (2020), *Entre Caminhos: reflexões sobre planejamento, perspectivas educacionais e possibilidades de aprendizagem* (2020) e *Para além dos muros da escola: o universo das crianças* (2013). Foi colaborador da trilogia *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista* (UNESP/Imprensa Oficial), atuando no volume sobre Governo e Municipalidade. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e pesquisador da Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo (RIPHCC).

**Nelson Albuquerque Junior** é escritor e jornalista. Pós-graduado em Língua e Literatura e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo. Atuou como repórter, colunista e editor do caderno Cultura & Lazer no jornal *Diário do Grande ABC*, além de outros periódicos regionais. Foi diretor de imprensa da Prefeitura de São Caetano do Sul e conselheiro editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Como redator publicitário atuou em agências de comunicação de São Paulo e Grande ABC. É autor dos livros *Mestre Mikan e a aldeia desaparecida* (romance, 2025, Mésmer Edições) e *O Resto de Raen* (romance, 2021, com edições pela Pedro e João Editores e Lura Editorial). Foi coordenador de literatura na Secretaria de Cultura de São Caetano do Sul e é cocriador dos projetos Fazer Criativo e Laboratório de Jovens Escritores.

paruna



Olhares contemporâneos: pessoas e lugares da história paulista é uma viagem que, certamente, ampliará horizontes sobre as possibilidades de aprofundamento de conhecimentos e a abertura de novos interesses históricos relativos à nossa capital e ao Estado de São Paulo, bem como despertará aos do Brasil e ao nível internacional. Essa necessária amplitude é resultante do momento complexo da História da humanidade, por suas crises em nível político, econômico, social e cultural, com o agravamento da má utilização da tecnologia. Assim, a concretização desta obra nas fronteiras da Educação Escolar fundamenta uma sólida Cultura Geral para o exercício pleno da cidadania.

**Prof. Dr. João Tomás do Amaral**  
Presidente do IHGSP

Apoio:



Fundação  
**José Luiz  
Setúbal**



**REBAL** + 50 ANOS  
solução em cozinhas

**A Estudantil**  
Livraria - Papelaria  
\*\*\*